

RETRATOS DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Um olhar
sobre múltiplas
desigualdades

OUTUBRO/2020





PARCEIROS NESTA PUBLICAÇÃO



REALIZADORES DAS PESQUISAS



ANÁLISE E TEXTO

Ana Lúcia D'Império Lima

Conhecimento Social – Estratégia e gestão

COMITÊ TÉCNICO

Esmeralda Correa Macana – Itaú Social

Amelia Cristina Abreu Artes – Fundação Carlos Chagas

Sandra Gouretti Unbehaum – Fundação Carlos Chagas

Rosalina Maria Soares – Fundação Roberto Marinho

Thamires Zaboto Mirolli – Fundação Lemann

Marina Brito Ferraz – Instituto Península

Ernesto Faria – Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede)

Lecticia Maggi – Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede)

DESIGN Sabiá Design Brasileiro: projeto gráfico. Tig Vieira: diagramação

FOTOGRAFIA Luca Jardim, Istock Photos.

APRESENTAÇÃO

A suspensão das aulas presenciais trouxe imensos desafios para a educação básica brasileira: criar e viabilizar formas de oferecer e acessar atividades levaram as redes de ensino, os educadores, as famílias e os próprios estudantes a estabelecerem, em brevíssimo tempo e sem as condições necessárias, um conjunto de estratégias para manter, de maneira não presencial, a oferta de conteúdos e a garantia mínima de relacionamentos e aprendizagens, procurando atender às diferentes dimensões que compõem o processo educacional.

Para melhor compreender, acompanhar e dimensionar os possíveis efeitos da suspensão das aulas presenciais nos processos de ensino e de aprendizagem foram realizados, entre março e agosto de 2020, diversos estudos e pesquisas. Nesse período, a imensa maioria das escolas em todo o território nacional estava com aulas presenciais suspensas.

Ao promoverem a escuta das redes de ensino, dos docentes, dos estudantes e de seus familiares, esses estudos procuraram identificar desafios, bem como as possibilidades de aprimoramento das estratégias utilizadas e prover subsídios que apoiem a recuperação e o fortalecimento dos vínculos, dos ritmos e dos conteúdos que serão fundamentais para promover, para todas as crianças e adolescentes, as oportunidades de pleno desenvolvimento.

Algumas das instituições responsáveis pela realização de tais estudos perceberam a importância de compreender seus resultados de maneira integrada, colocando em diálogo – ainda que apenas em forma de texto – as diferentes perspectivas sobre desafios e oportunidades que marcaram a educação neste ano de 2020. A articulação entre esses estudos deu-se desde a etapa de construção dos questionários, permitindo que um mesmo aspecto fosse abordado de maneira convergente junto aos diferentes sujeitos da comunidade escolar. O primeiro informe Retratos da Educação no Contexto da Pandemia do Coronavírus – Perspectivas em Diálogo, consolidando 5 estudos realizados entre março e maio de 2020, pode ser consultado em <https://bit.ly/Relatorio-RetratosDaEducao>.



O quadro delineado pelos estudos configurou importantes desafios: dificuldades para avançar no aprendizado em situações não presenciais; sobrecarga e ansiedade dos profissionais, dos estudantes e de suas famílias; riscos de abandono escolar por parcelas representativas de estudantes, da Educação infantil ao Ensino médio.

Evidenciaram-se, por outro lado, algumas potencialidades:

- **PROFESSORES** mostraram, mais uma vez, seu compromisso com os estudantes, sua criatividade e sua competência para reinventarem a prática, incorporarem novas linguagens, novas dinâmicas, apesar de prazos brevíssimos, condições inadequadas e enfrentando as sobrecargas em suas vidas particulares;
- **PAIS E RESPONSÁVEIS** tiveram uma maior proximidade no acompanhamento das atividades escolares, ampliando as possibilidades de uma maior colaboração entre escolas e famílias na educação das crianças e adolescentes e maior valorização do trabalho dos educadores;
- **REDES DE ENSINO**, por vezes com apoio de empresas e organizações do terceiro setor, ajudaram a disponibilizar o acesso a uma ampla gama de conteúdos educacionais em diferentes suportes e formatos, tanto para os estudantes quanto para os educadores, com alto número de acessos. Inúmeras oportunidades formativas foram propiciadas a gestores e equipes das secretarias de Educação, gestores escolares e educadores, que puderam acessá-las remotamente em todo o país;
- Avançaram com maior concretude e rapidez as **PARCERIAS E ACORDOS DE COLABORAÇÃO** entre as redes de ensino de diferentes municípios e destas com as redes de seus estados, construíram-se processos de colaboração mais bem estruturados entre o sistema educacional e as áreas de saúde e assistência social.

No entanto, os estudos e pesquisas evidenciam, de maneira inequívoca, as profundas desigualdades educacionais do Brasil e a urgente necessidade de enfrentá-las e minimizá-las.

Costuma-se dizer que as desigualdades não nascem na escola e sim que são refletidas nela. Com efeito, ao estabelecer a garantia de acesso e a obrigatoriedade da frequência à escola para todas as crianças e adolescentes, a Constituição brasileira configura a educação básica como um direito de todos. As redes públicas – responsáveis por mais de 80% dos estudantes da educação básica no país – ao assegurarem o acolhimento de todas as crianças entre os 4 e os 17 anos, convertem-se nos espaços em que esse direito se materializa e, ao mesmo tempo, onde se vê refletida a imagem de uma sociedade profundamente desigual.



Os estudos realizados sobre o período de suspensão das aulas presenciais trouxeram indicações inquietantes: a desigualdade nas condições de oferta educacional, de acesso e realização das atividades propostas nesse período de suspensão das aulas presenciais implica riscos de tornar o processo educacional não mais apenas um reflexo da desigualdade existente “lá fora” e sim, ele próprio, um fator que pode acirrar tais desigualdades.

A presente análise combina 5 estudos estruturados a partir de 10 momentos de coleta de dados, e apoiados por um amplo conjunto de parceiros, procurando trazer evidências desses efeitos e convocar seus leitores a assumirem, cada um em seu papel e espaço de atuação, ações para reverter as desigualdades.

Boa leitura!



ESTUDOS CONSIDERADOS NESTA ANÁLISE

■ INSTITUTO PENÍNSULA

"Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios de coronavírus".

■ FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURE

"Educação não presencial desde a perspectiva dos estudantes e suas famílias".

■ CONJUVE & PARCEIROS (EM MOVIMENTO, FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, MAPA EDUCAÇÃO, PORVIR, REDE CONHECIMENTO SOCIAL, VISÃO MUNDIAL, UNESCO)

"Juventudes e a Pandemia do Coronavírus".

NOTA

Com o intuito de tornar fluida a leitura desse texto, foi priorizado o uso do genérico masculino, opção feita pela maioria dos estudos em suas publicações originais. Essa opção não implica, no entanto, em deixar de reconhecer que a categoria docente na educação básica é majoritariamente feminina, especialmente na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino

■ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

"Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica", em parceria com Itaú Social e Unesco do Brasil.

■ INTERDISCIPLINARIDADE E EVIDÊNCIAS NO DEBATE EDUCACIONAL (IEDE) E COMITÊ TÉCNICO DA EDUCAÇÃO DO INSTITUTO RUI BARBOSA (CTE-IRB)

"A Educação Não Pode Esperar".

fundamental e continuamente crescente nos anos finais do fundamental e no Ensino médio. Segundo dados do INEP (Questionário Professor Prova Brasil, 2017), as mulheres representavam 77% dos mais de 250.000 docentes do 5º e 9º anos. É também crescente a proporção de mulheres nas posições de coordenação e direção das escolas e nas secretarias de Educação.



LINHA DO TEMPO

MARÇO



NO BRASIL

Interrupção das aulas presenciais



INSTITUTO PENÍNSULA PULSO 1

23 A 27/03

- 1.536 professores da educação básica
- Escolas públicas e privadas
- Educação infantil a ensino médio

ABRIL



INSTITUTO PENÍNSULA PULSO 2

13/04 A 14/05

- 7.773 professores da educação básica
- Escolas públicas e privadas
- Educação infantil a ensino médio



FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

30/04 A 10/05

- 14.285 professores da educação básica
- Escolas públicas e privadas
- Educação infantil a ensino médio

MAIO



IEDE E CTE-IRB

MAIO A JUNHO

- 249 redes de ensino, de todas as regiões (232 municipais e 17 estaduais)
- Redes públicas, estaduais e municipais



FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES

ONDA 1

13/05 A 29/05

- 1.028 familiares ou responsáveis por 1.518 estudantes de 6 a 18 anos
- Escolas públicas
- Ensino fundamental e ensino médio

Os estudos realizados sobre o período de suspensão das aulas presenciais trouxeram indicações inquietantes: a desigualdade nas condições de oferta educacional, de acesso e realização das atividades propostas nesse período de suspensão das aulas presenciais implica riscos de tornar o processo educacional não mais apenas um reflexo da desigualdade existente “lá fora” e sim, ele próprio, um fator que pode acirrar tais desigualdades.

JUNHO

JULHO

**CONJUVE & PARCEIROS**

15/05 A 31/05

Relatório geral

- 9.693 jovens 15-29 anos que estudam atualmente no Ensino médio*

Relatórios especiais

- Regiões, Ensino médio e Aprendizizes
- Escola públicas e privadas

* Um extrato da amostra total de 33.688 jovens de 15 a 29 anos

**FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES****ONDA 2**

11/06 A 20/06

- 1.118 familiares ou responsáveis por 1.580 estudantes de 6 a 18 anos
- Escolas públicas
- Ensino fundamental e ensino médio

**FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES****ONDA 3**

07/07 A 15/07

- 1.056 familiares ou responsáveis por 1.553 estudantes de 6 a 18 anos
- Escolas públicas
- Ensino fundamental e ensino médio

**IEDE E CTE-IRB**

JULHO A AGOSTO

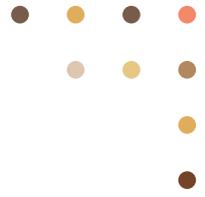
- Entrevistas individuais com 20 secretários de Educação
- 16 secretários estaduais e 4 secretários municipais

**INSTITUTO PENÍNSULA****PULSO 3**

20/07 A 14/08

- 3.893 professores da educação básica
- Escolas públicas e privadas
- Educação infantil a ensino médio





DADOS DE CONTEXTO

A educação é um direito fundamental para o desenvolvimento integral de toda criança e adolescente no Brasil.

Com base nos dados do censo escolar de 2019, o Brasil tem quase 48 milhões de estudantes na educação básica¹, da creche ao final do Ensino médio, considerando a rede pública e privada, em todas as modalidades. Enquanto na faixa **de 6 a 14 anos** o acesso à escola está praticamente universalizado, **em torno de 99%** em todas as regiões do país e todos os grupos sociodemográficos, ainda se observam desafios quanto às crianças em idade pré-escolar e aos adolescentes entre 15 e 17 anos: nesse segmento, por exemplo, apenas 7 em cada 10 (71%) estão matriculados no Ensino médio, com grande disparidade entre os 25% mais pobres (62%) e os 25% mais ricos (91%):

CRIANÇAS/JOVENS MATRICULADOS

	0 a 3 anos: creches	4 a 5 anos: pré-escola	15 a 17 anos: ensino médio
Total	36%	94%	71%
Brancos	39%	94%	79%
Pardos	32%	93%	67%
Pretos	39%	95%	65%
25% Mais ricos	51%	99%	91%
25% Mais pobres	29%	93%	62%
Residentes em zona urbana	38%	94%	73%
Residentes em zona rural	21%	92%	60%

Fonte: IBGE/Pnad Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação 2020.

1 O número de matrículas da Educação Básica é composto pela soma das seguintes Etapas de Ensino: Total da Educação Infantil, Total do Ensino Fundamental, Total do Ensino Médio, Educação profissional (Curso Técnico Concomitante, Curso Técnico Subsequente e Curso FIC Concomitante) e Total da Educação de Jovens e Adultos.

Reprovação, distorção idade-ano, abandono e evasão durante o percurso escolar agudizam as desigualdades: de cada 100 crianças que ingressam no sistema de educação brasileiro, 89 concluem os anos iniciais do Ensino fundamental na idade correta dos 12 anos. Essa proporção vai diminuindo nos anos finais (78) e no Ensino médio (69). Mais uma vez, os jovens de 15 a 17 anos que frequentam o Ensino médio são os mais impactados pela desigualdade:

TAXA DE CONCLUSÃO - 2019

	Média Brasil	25% mais ricos	25% mais pobres	Diferença em pontos percentuais
Ensino fundamental – anos iniciais concluídos aos 12 anos	89%	99%	85%	14 pp
Ensino fundamental – anos finais concluídos aos 16 anos	78%	95%	69%	26 pp
Ensino médio concluído aos 19 anos	65%	88%	51%	37 pp

Fonte: IBGE/Pnad Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação 2020.

Aproximadamente 39 milhões de estudantes (81%) frequentam as redes públicas municipais e estaduais. Foram elas as responsáveis por assegurar a universalização de acesso do Ensino fundamental a todas as crianças, independentemente de quão complexos e desafiadores sejam os contextos em que vivem, as condições sociais e familiares em que se encontram e as características individuais dos estudantes. É graças às redes públicas de ensino municipais e estaduais que meninos e meninas, vivendo em remotos vilarejos ou aldeias ribeirinhas distantes, crianças com deficiência, adolescentes em privação de liberdade, sem exceção, têm assegurado o direito a estarem matriculados na escola.

Mas é também na escola pública onde se concentram os maiores desafios:

- Ao final dos primeiros 5 anos de escolarização, correspondentes aos anos iniciais do Ensino fundamental, apenas pouco mais da metade (57%) dos estudantes das escolas públicas têm aprendizagem adequada em Língua Portuguesa; já na rede privada, a proporção – embora ainda aquém do desejável – eleva-se a 82%;
- índices de aprendizado ainda mais preocupantes e desigualdades semelhantes são encontrados no desempenho em Matemática. No 5º ano, apenas 47% das crianças das escolas das redes públicas apresentam aprendizado adequado nessa área, enquanto na rede privada essa proporção é de 73%. Muitos meninos e meninas, aos 10 anos de idade, já estão marcados por lacunas em seu aprendizado, que fazem com que passem para a etapa seguinte de sua escolarização em condições prejudicadas para seguirem avançando em seu desenvolvimento e aprendizado.

APRENDIZAGEM ADEQUADA (SAEB 2017) POR REDE PÚBLICA E PRIVADA

	Média Brasil	Redes públicas	Rede privada	Diferença em pontos percentuais
Língua Portuguesa				
5º ano do Ensino fundamental	61%	57%	83%	26 pp
9º ano do Ensino fundamental	41%	36%	70%	27 pp
3º ano do Ensino médio	37%	31%	75%	35 pp
Matemática				
5º ano do Ensino fundamental	52%	47%	74%	37 pp
9º ano do Ensino fundamental	24%	18%	56%	44 pp
3º ano do Ensino médio	10%	5%	41%	36 pp

Fonte: MEC/Inep/Saeb - Saeb 2019. Elaboração: Iede.

A desigualdade, como se vê acima, permanece ao longo de toda a trajetória escolar, tornando-se ainda mais significativa nos anos finais do Ensino fundamental. Avançar no aprendizado tem desafiado permanentemente gestores, educadores, estudantes e suas famílias a estarem habilitados, motivados e engajados com a necessidade de superá-la.



Esse efeito perverso é quase totalmente explicado por desigualdades socioeconômicas e reflete fatores estruturais da realidade brasileira, entre eles a maior vulnerabilidade da população negra, em especial daqueles que se autodeclaram pretos:

- enquanto 70% dos estudantes de cor branca atingem o nível de aprendizado adequado em Língua Portuguesa ao final dos anos iniciais do Ensino fundamental, essa proporção cai para 62% entre os que se identificam como pardos e não passa de 41% junto aos estudantes que se autodeclaram pretos;
- em Matemática, as desigualdades de aprendizado tornam-se ainda mais marcadas, como ilustrado pelos dados do 9º ano: em cada 10 crianças autodeclaradas brancas pouco mais de 3 (32%) alcançam um nível de aprendizado adequado; essa proporção cai para menos de 2 (18%) para os estudantes que se autodeclaram pardos e pouco mais de 1 (13%) dentre os estudantes que se identificam como pretos;
- à medida que se avança na escolaridade, os níveis de desempenho declinam nos três grupos e as desigualdades se intensificam, de modo que, ao final do Ensino médio, a proporção de estudantes brancos com aprendizado adequado em Língua Portuguesa é quase o dobro daquela observada junto a estudantes pretos e em Matemática essa proporção chega a ser de 4 para 1.

APRENDIZAGEM ADEQUADA (SAEB – 2017 ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS) POR COR/RAÇA

	Branco	Pardo	Preto
Língua Portuguesa			
5º ano do Ensino fundamental	70%	62%	41%
9º ano do Ensino fundamental	51%	36%	29%
3º ano do Ensino médio	41%	24%	22%
Matemática			
5º ano do Ensino fundamental	59%	49%	30%
9º ano do Ensino fundamental	32%	18%	13%
3º ano do Ensino médio	16%	6%	4%

Fonte: MEC/Inep/Saeb - Microdados do Saeb 2017. Elaboração: Todos Pela Educação 2020.

Acreditamos que a educação é um direito fundamental para o desenvolvimento pleno de toda criança e adolescente no Brasil. E uma educação de qualidade não se concretiza se não valer para todas e todos. Qualidade sem equidade não é qualidade. Dados do IDEA (Indicador de Desigualdade de Aprendizagem) nos mostram que, no 5º ano do Ensino fundamental, só 8% dos municípios brasileiros possuem aprendizagem adequada em Língua Portuguesa com equidade de raça. Ainda, no 5º ano, a aprendizagem adequada em Matemática dos estudantes pretos (30%) e pardos (49%) é muito inferior à dos estudantes brancos (59,5% segundo dados do Saeb de 2017). O quadro de desigualdades raciais verificado no desempenho acadêmico de negros e brancos tem reflexos na trajetória escolar de ambos os grupos. Estudo do INEP de 2018 aponta que 39% de estudantes pretos e 34% de pardos apresentam trajetórias escolares não lineares, marcadas por reprovações e abandono; já entre brancos, o percentual é de 22%. Esses resultados, de modo geral, reafirmam que o risco de repetência é maior para os alunos negros. Essa distância obviamente se amplia ainda mais nos anos subsequentes – no Ensino médio. O contexto da pandemia se soma a todos esses fatores históricos para

intensificar desigualdades educacionais e minar trajetórias de crianças, jovens e adolescentes mais vulneráveis, como demonstrado claramente por pesquisas realizadas nesses últimos meses. Se nada for feito a respeito de um problema, ele não se resolve por si.

ITAÚ SOCIAL

Desigualdades raciais



Para aprofundar a reflexão sobre os desafios enfrentados pelas redes de ensino, especialmente as públicas, no planejamento e implementação de uma oferta sistemática de conteúdos pedagógicos durante a pandemia, sugere-se a consulta a alguns indicadores secundários relevantes:

- *Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb): criado em 2007, sintetiza os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>*
- *Ioeb – Índice de Oportunidade da Educação Brasileira: tem como foco as oportunidades educacionais a que crianças, adolescentes e jovens têm acesso em cada território, a partir de uma abordagem integrada da educação que está sendo ofertada, considerando inclusive quem está fora da escola. Para acessar: <https://ioeb.org.br/>*
- *IDeA – Indicador de Desigualdades de Aprendizagem: aponta, para cada município, o nível de aprendizagem e a desigualdade de aprendizagem entre grupos sociais definidos por nível socioeconômico, cor/raça ou gênero. Pode ser acessado em: <https://portalidea.org.br/>*

Sugere-se ainda o acesso à Plataforma JET – Juventude, Educação e Trabalho (JET), que reúne um amplo conjunto de indicadores e evidências com diferentes bases de dados, para qualificar o debate e nortear o desenvolvimento de estratégias de atuação nas áreas de educação, trabalho e juventudes:

<https://pjet.frm.org.br/>

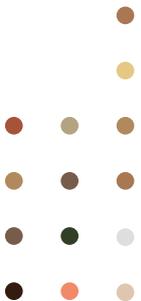
É nesse cenário, já extremamente desafiador e desigual, que **entre maio e agosto de 2020 – período de referência deste relatório –** redes de ensino e escolas **tiveram as aulas presenciais suspensas** para prevenir a expansão do coronavírus.

Embora a interrupção das aulas presenciais tenha ocorrido praticamente ao mesmo tempo para todas as modalidades, etapas e redes, **as condições para interagir com propostas alternativas de atividades a serem realizadas em casa foi drasticamente desigual**, em função de um amplo conjunto de fatores internos ou externos aos sistemas educacionais e iniquidades de distintas naturezas. Assim como, certamente, **serão também desiguais suas consequências**.

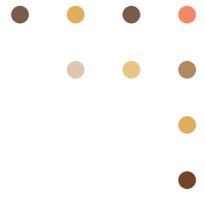
Para melhor refletir sobre o tema, organizamos esta análise em quatro dimensões:

- **Diversidade da oferta** de conteúdos e atividades escolares não presenciais
- **Condição de acesso** a estímulos, orientações e vínculos com o processo educacional formal
- **Desenvolvimento e aprendizado** a partir da percepção de educadores, familiares e jovens estudantes do Ensino médio
- **Continuidade das trajetórias escolares**, caracterizando diferentes perfis de estudantes e fatores que influem na percepção de maior ou menor motivação pelos estudos

Por fim, o documento aborda, sob o olhar de educadores, famílias, estudantes e gestores, os **potenciais legados** desse período, procurando estimular reflexões, processos, projetos e políticas claramente voltados para **minimizar os impactos negativos da interrupção das aulas presenciais na educação brasileira, pautados pela promoção da equidade**, construindo oportunidades de uma educação de qualidade para todos.







A OFERTA

Mais de 7 em cada 10 estudantes do país (72%) estão matriculados em turmas regulares das etapas fundamental (1° ao 9° ano) e Ensino médio (1° ao 3° ano). A Educação infantil (creche e pré-escola) representa 19% das matrículas.

São mais de 180.000 unidades escolares públicas ou privadas, atendendo, em suas diversas modalidades, desde a Educação infantil até o Ensino médio. Estão distribuídas em todo o território nacional, sendo considerado o equipamento público o de maior capilaridade, presente nos mais diferentes contextos e recebendo uma ampla diversidade de estudantes.

Face à suspensão das aulas presenciais, diferentes estratégias foram adotadas por escolas privadas e públicas em todo o país: suspensão completa das aulas intercaladas com antecipação do período de férias foram as primeiras providências, numa fase em que se pensava que as aulas presenciais retornariam no prazo de um ou dois meses.

Foram muitos os fatores que incidiram sobre as possibilidades de cada rede de ensino e de cada escola para planejar e implementar ações visando minimizar os impactos da suspensão das aulas presenciais. Características territoriais, condições de infraestrutura, perfil do alunado e especificidades das diferentes etapas de ensino determinaram situações marcadamente desiguais entre redes de ensino, impactando na maior ou menor oferta de atividades não presenciais aos estudantes, no volume de atividades oferecidas bem como as condições de trabalho e de tempo de dedicação dos professores para desenvolvê-las e implementá-las. As regiões Norte e Nordeste, a Educação Infantil e, em especial, as educadoras negras foram mais fortemente impactadas por essas desigualdades.

- **Na rede privada**, seja pela maior disponibilidade de recursos financeiros, humanos e tecnológicos, seja pela maior autonomia para oferecer soluções capazes de atender às demandas específicas de cada contexto e do perfil de alunos que frequentam as escolas, houve maior agilidade na oferta de atividades a distância;
- **Nas redes públicas**, o desafio foi maior e as ações, mais heterogêneas: estudo realizado por Undime/Consed² entre 27 de abril e 4 de maio havia apurado que **85% das redes estaduais e 60% das 3.978 Secretarias municipais que responderam a pesquisa ofereceram atividades remotas** aos estudantes. O estudo apurou ainda que 18 (66%) das redes de ensino das 27 unidades da federação disponibilizavam mecanismos para acompanhar a realização das atividades pelos professores e a presença dos estudantes e que, naquele momento, apenas 3 das 20 Secretarias estaduais e menos de 10% das Secretarias municipais estavam recolhendo dados sobre as atividades dos estudantes.

² Estudo “Desafios das Secretarias de Educação na oferta de atividades educacionais não presenciais” - Iniciativa da Undime e do Consed em parceria com CIEB, Itaú Social, UNICEF, Fundação Lemann e CONVIVA.



Na primeira mensuração do Instituto Península – Pulso 1 – realizada em março, quase 3 em cada 4 docentes (73%%) da rede privada relatavam que essas escolas haviam suspenso as aulas e que já praticavam ações de apoio remoto aos estudantes.

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 1

Proporção de professores cujas escolas/redes haviam promovido:

	REDES ESTADUAIS	REDES MUNICIPAIS	REDE PRIVADA
Suspensão das aulas	78%	76%	73%
Suporte a distância para estudantes	36%	14%	65%

A sistematização de dados organizada por Iede e CTE-IRB, no período de março/abril, mostrou que mesmo dentro do sistema público o tempo de resposta das redes de ensino para disponibilizar conteúdos pedagógicos para os estudantes variou muito:

- todas as 17 redes estaduais que participaram do estudo estavam oferecendo atividades remotas aos estudantes, o mesmo ocorrendo com 82% das 232 redes municipais analisadas;
- 18% das 232 redes municipais pesquisadas não haviam oferecido, até meados de maio, qualquer tipo de atividade não presencial, seja por não terem ainda conseguido implementar as ações planejadas, seja por opção, ao considerarem inadequada essa prática.

IEDE E CTE-IRB

Redes com estratégias para oferecer aulas ou conteúdos pedagógicos durante a pandemia...	REDES MUNICIPAIS (232 casos)
Sudeste / Sul (43 municípios)	100%
Centro-Oeste (34 municípios)	97%
Norte (67 municípios)	79%
Nordeste (88 municípios)	75%

“

Cerca de 60% dos estudantes são atendidos pelo Bolsa Família. Se fizéssemos aulas on-line, uma minoria conseguiria acompanhar, o que iria prejudicar os demais. Ademais, esbarramos em outra problemática, a falta de estrutura da própria Secretaria para elaboração e edição dos vídeos e dos professores em gerar suas aulas.

GESTOR – Estudo Iede-CTE IRB

Fazendo uma reflexão sobre estes dados pode-se compreender melhor a dinâmica e a disparidade da oferta de atividades escolares:

- **Disparidade por Regiões:** as características físicas e demográficas das regiões Nordeste e, especialmente, Norte, com baixa densidade populacional, deficiente infraestrutura de comunicação e transporte, maior vulnerabilidade socioeconômica de suas populações, impuseram desafios ainda maiores para o planejamento e implementação da oferta de conteúdos pedagógicos aos estudantes.
- **Disparidade por dependência administrativa:** para os municípios, especialmente aqueles de pequeno porte e não vinculados a acordos de colaboração entre si ou com o governo estadual, a carência de recursos financeiros, humanos e tecnológicos das próprias redes de ensino constituíram-se em desafios adicionais. Para ilustrar a complexidade logística de muitas redes municipais, basta constatar que 21% das matrículas das redes municipais localizam-se em contextos predominantemente rurais, proporção essa que não supera os 5% nas redes estaduais.

“

Estamos estudando a viabilidade de elaborar atividades e um carro da prefeitura levar nas residências (...). Possuímos alunos que moram em fazendas isoladas, povoados distantes, que mal têm sinal de telefone celular, quanto mais internet...

Gestor – Estudo Iede-CTE IRB

“

A maioria destes estudantes vive em situação de extrema pobreza e não têm acesso à internet. Eles residem na zona rural, em chácaras muito distantes umas das outras.



Os desafios de conectividade podem ser percebidos com maior clareza com o auxílio de diversas fontes de dados:

- Segundo dados da ANATEL¹, 28% dos municípios – a maioria deles no Norte e Nordeste, e correspondentes a 7,4% da população brasileira – não contam com estrutura de conexão por fibra ótica, e outros 19% têm apenas conexões em baixa velocidade. Em 13% dos municípios não há cobertura 4G, limitando ou até mesmo impedindo o acesso a diversas plataformas e conteúdos;
- De acordo com os dados da TIC domicílios², 20 milhões de domicílios brasileiros (28% do total) não tem acesso à internet, proporção que chega a 48% na área rural e a 45% na faixa de menor renda.

Além da menor disponibilidade de recursos para oferecer alternativas viáveis para promover a aprendizagem remotamente, as 5.570 redes municipais de ensino têm sob sua responsabilidade a maior fatia da Educação infantil (4 dos 5,2 milhões de matrículas entre 4 e 5 anos) e 2 em cada 3 meninos e meninas, em sua grande maioria entre os 6 e os 10 anos, que frequentam os anos iniciais do Ensino fundamental.

¹ ANATEL 2020 – Plano Estrutural de Redes de Telecomunicações

² CETIC - TIC Domicílios 2019, disponível em <https://cetic.br/arquivos/domicilios/2019/>



Nessa faixa etária:

- é menor a proporção de crianças de 6 a 10 anos matriculadas nos anos iniciais do Ensino fundamental com acesso a celulares e computadores, quando comparadas com os adolescentes dos anos finais e do Ensino médio;
- é maior a dificuldade para adaptar conteúdos curriculares e atividades pedagógicas a situações não presenciais.

Com efeito, a proposta curricular das redes e o projeto pedagógico das unidades escolares referenciados na própria Base Nacional Comum Curricular para a Educação infantil destacam, como direitos de aprendizagem, o conviver, o brincar, o participar, o explorar – processos fortemente baseados no afeto, na oralidade, nas interações de qualidade, pouco reproduzíveis em situações não presenciais. Já nos primeiros anos do Ensino fundamental, o foco está no processo de alfabetização, cujas especificidades tampouco podem ser facilmente adaptadas a práticas remotas.



As decisões tomadas pelas redes de ensino e as condições de operacionalização da oferta de conteúdos e atividades em modalidade não presencial tiveram impacto não apenas em termos do tipo de atividade proposta aos estudantes, mas também com relação à carga horária e à remuneração dos docentes, como mostram os dados do Instituto Península em seu terceiro levantamento junto aos professores, o Pulso 3.

Para **mais da metade (56%)** dos docentes consultados no Pulso 3 do estudo do Instituto Península, **houve algum tipo de mudança na situação de trabalho** devido à crise do coronavírus:

- Redução de salário (14%), de carga horária (9%), licença remunerada com ou sem prazo determinado para retorno (9%) e suspensão de contrato foram as mais frequentemente citadas dentre as opções testadas;
- Para 8% dos professores, houve aumento formal da carga horária.

Algumas diferenças entre as redes de ensino merecem destaque:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Mudanças ocorridas na situação de trabalho devido à crise do coronavírus

REDUÇÃO	REDES			
	TOTAL	MUNICIPAIS	ESTADUAIS	PRIVADAS
De salário	14%	11%	10%	32%
Formal de carga horária	9%	9%	4%	18%

- Educadores da rede privada foram os mais afetados pelas medidas de redução de carga horária e remuneração, seguidos por aqueles das redes municipais. A maior incidência de profissionais concursados e com estabilidade nas redes estaduais bem como a oferta mais frequente de atividades aos estudantes nessa etapa de ensino explicam essas diferenças.

Uma análise mais aprofundada das questões de gênero e cor/raça foi objeto do Informe nº 2 do estudo coordenado pela Fundação Carlos Chagas, que trouxe à tona a desigualdade entre esses grupos, evidenciando uma maior proporção de educadores negros em situação de contratação precarizada:

- Professoras e professores negros declararam, com maior frequência do que as/os docentes brancas/os, ter vínculos de trabalho temporários com as respectivas redes onde atuam (no caso de atuação em mais de uma rede, solicitou-se que o respondente fizesse referência àquela a que dedica a maior parte de seu tempo) e com maior frequência tiveram sua remuneração afetada pela suspensão das aulas presenciais;
- Nas escolas públicas, os homens negros informaram atuar em proporção um pouco mais alta nas redes estaduais (onde as medidas que derivaram em redução de jornada ou de remuneração tiveram menor impacto) enquanto as mulheres negras concentravam-se nas redes municipais, em especial na Educação



infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental (mais afetadas pela suspensão das aulas presenciais e pelos impactos negativos sobre jornada e remuneração);

- Professores negros de ambos os sexos estão sub-representados nas escolas privadas, o que, de certa forma, atenuou o impacto sobre seus vínculos de trabalho, impactados em maior medida na rede privada.

FCC – INFORME N° 2

Perfil dos respondentes por sexo e cor/raça

Rede (da maior jornada)	Homem		Mulher	
	Branco	Negro	Branca	Negra
Pública municipal	5%	6%	51%	37%
Pública estadual	14%	8%	55%	22%
Privada	16%	6%	59%	19%



Em consequência, como confirmam os dados do Instituto Península, a combinação entre vínculos contratuais e etapas de ensino afetou negativamente uma maior proporção de docentes negros e negras do que seus colegas brancos ou brancas:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Mudanças ocorridas na situação de trabalho devido à crise do coronavírus

DOCENTES

	TOTAL	Branco/ brancas	Negros/ negras
Medidas que geraram redução na carga horária disponível dos professores para atividades com os estudantes	33%	28%	38%
Medidas que geraram redução na remuneração dos professores	25%	22%	29%



"A participação majoritária de mulheres na docência na educação básica é uma realidade histórica. Ao agregar educação e cuidado, em especial nas etapas iniciais, a presença delas chega a 97,5% nas creches (dados Sinopse Censo da Educação Básica 2019). Na medida em que se avança nas etapas de ensino, a presença feminina diminui, ainda que no Ensino médio elas representem 58%. Ao atribuir o recorte racial às profissões que exigem ensino superior, a carreira docente se destaca por uma maior participação de negros. Estudos realizados pela FCC indicam que enquanto nas engenharias a relação é de três homens para uma mulher e cinco brancos para um negro, na educação essa relação é de quatro mulheres para um homem e dois brancos para cada negro." (ARTES, 2018)

Estudos indicam que durante a pandemia as diferenças por sexo e cor/raça presentes na educação, tanto nas perspectivas dos alunos como na de docentes, são mantidas e as desigualdades podem ser ampliadas. O acesso à escola para meninos e meninas, brancos e negros é marcado por desigualdades de condições de frequência e qualidade da educação ofertada. São os negros e as meninas que tendem a enfrentar maiores barreiras para acompanhar as atividades remotas, seja pelo não acesso às tecnologias, seja pelas demandas domésticas ou pela necessidade de trabalhar pelo sustento, na maioria das vezes em condições precárias e na informalidade. O estudo realizado pela FCC com docentes indica que são as professoras e professores negros/os que se sentem menos apoiados nas atividades realizadas com seus alunos e alunas. Saber se esta percepção é preexistente no espaço escolar ou agravada com a pandemia requer um olhar interseccional para o cotidiano escolar e seus processos de convivência e de trabalho." ARTES, Amélia. Dimensionando as desigualdades por sexo e cor/raça na pós-graduação brasileira. Educação em Revista, v. 34, 2018.

Segundo os educadores entrevistados em julho/agosto na pesquisa do Instituto Península, **20% não mantinha contato com seus alunos e alunas**, com variações relevantes de acordo com a dependência administrativa das redes, das etapas de ensino e entre as diferentes regiões do país. É também distinta a frequência com a qual esse contato é mantido, sendo as mais altas frequências observadas na **rede privada e na região Sudeste, onde 49% dos educadores declaram manter contato com estudantes 5 dias por semana:**

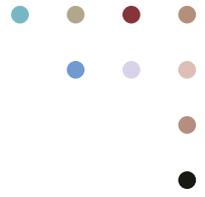
INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

	Mantém contato	1 ou 2 dias na semana	3 a 4 dias na semana	5 dias na semana	Oferta "equivalente" a aulas presenciais
TOTAL	80%	35%	21%	44%	35%
Redes municipais	76%	36%	22%	42%	32%
Redes estaduais	85%	34%	19%	47%	40%
Rede privada	88%	31%	20%	49%	43%
Centro-Oeste	77%	36%	19%	45%	35%
Nordeste	81%	33%	26%	41%	33%
Norte	70%	46%	20%	35%	25%
Sudeste	82%	33%	19%	49%	40%
Sul	79%	36%	19%	45%	36%

Combinando as duas informações – a proporção de professores que está em contato com seus alunos e a frequência com que isso ocorre – pode-se estimar a desigualdade na oferta de atividades: enquanto nas escolas da rede privada 43% dos professores mantiveram uma oferta “quantitativamente equivalente” ao padrão de regularidade das aulas presenciais, essa proporção foi de 40% nas redes estaduais e de 32% nas redes municipais. Quando a mesma estimativa é feita por região, observa-se uma grande desproporção, especialmente entre o Sudeste (40%) e o Norte do país (25%).







O ACESSO

Enquanto as desigualdades de condições na oferta de oportunidades de aprendizado estão mais fortemente vinculadas às características dos territórios (regiões do país, contextos urbanos e rurais, por exemplo) e às especificidades das etapas e das redes de ensino, as determinantes das possibilidades de acesso a tais oportunidades relacionam-se, adicionalmente, com características socioeconômicas das famílias, dos estudantes e dos educadores e impactam de maneira mais evidente os estudantes segundo sexo/gênero, cor/raça e renda familiar.

Dois dados ilustram vulnerabilidades do sistema público de ensino brasileiro, que refletem desigualdades estruturais de nossa sociedade e deixam antever como os desafios do ensino não presencial podem ter sido sentidos de maneira ainda mais grave pelas parcelas mais empobrecidas do alunado:

- 83% dos alunos das redes públicas do Brasil vivem em famílias que recebem até 1 salário mínimo per capita;
- A maior parte das redes que ainda não tinham planos para implementar o ensino remoto são aquelas com maior proporção de alunos cujo nível socioeconômico está abaixo da média de seus estados.¹

É preciso reconhecer que os estudos considerados na realização desse informe consolidado não permitem o aprofundamento de análises para capturar desigualdades relativas a estudantes com deficiência.

A declaração de Incheon, da Unesco, que visa “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” estabelece que as metas para educação só poderão ser consideradas cumpridas caso sejam

¹ Estudo “Desafios das Secretarias de Educação na oferta de atividades educacionais não presenciais” - Iniciativa da Undime e do Consed em parceria com CIEB, Itaú Social, UNICEF, Fundação Lemann e CONVIVA.

atingidas por todos, especialmente as pessoas com deficiências, assegurando que ninguém seja deixado para trás.

Para ampliar a discussão sobre esse importante aspecto, sugere-se a leitura do documento “Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19 - Um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais” publicado pelo Instituto Rodrigo Mendes. Com base em referências produzidas pelo Unicef, o estudo recomenda que se garanta que as plataformas de ensino a distância sejam seguras e acessíveis às crianças com deficiência; os professores sejam treinados para apoiar crianças com deficiência remotamente; e que quaisquer programas de educação especial sejam incluídos nas medidas para garantir a continuidade da educação.¹

Como já visto em relação às possibilidades de oferta de atividades durante a suspensão das aulas presenciais no país, quando perguntados sobre se tinham ou não mantido contato com seus alunos e alunas, educadores consultados na terceira pesquisa do Instituto Península confirmaram uma maior incidência de contatos na rede privada (88%), seguida pela estadual (85%) e municipal (76%).

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Proporção de professores que afirmam que têm mantido contato com seus estudantes

TOTAL	80%
Educação infantil	74%
Ensino fundamental – anos iniciais	80%
Ensino fundamental – anos finais	84%
Ensino médio	84%

¹ Estudo “Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19 - Um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais” – acessível em <https://diversa.org.br/pesquisa-protocolos-educacao-pandemia/>.

A terceira onda do estudo coordenado por Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, realizada na segunda semana de julho, confirmou a tendência de ampliação do acesso dos estudantes a atividades propostas pelas escolas. Essa proporção **passou de 74% em maio para 79% em junho e chegou a 82% no mês de julho.**



Essa tendência de crescimento do acesso foi mais evidente nas regiões Nordeste e Norte, reduzindo parcialmente a distância entre elas e as demais regiões do país. Ainda assim, permanece relevante a desigualdade regional: enquanto **9 entre 10 crianças, adolescentes e jovens** entre os 6 e os 18 anos que vivem **nas regiões Sudeste e Sul** receberam atividades para realizarem em casa durante a pandemia, essa proporção é apenas de **6 para 10** dentre as que vivem **no Norte do país.**

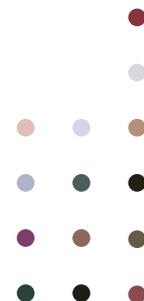
FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDAS 1, 2 E 3

Proporção de estudantes que, segundo seus familiares, receberam atividades

	Maio	Junho	Julho
TOTAL BRASIL	74%	79%	82%
Sudeste	85%	87%	91%
Sul	94%	93%	96%
Nordeste	61%	70%	70%
Centro-Oeste	80%	85%	89%
Norte	52%	60%	62%

Entre maio de junho, reduziu-se também a distância entre a proporção de estudantes que recebeu atividades para realizar em casa das escolas públicas mais vulneráveis (grupos 1 a 3 no INSE²) quando comparados às escolas com menor vulnerabilidade. Entre junho e julho, cresce o acesso em ambos os grupos e a distância permanece constante:

² INSE = Indicador de nível socioeconômico das escolas publicado pelo INEP em 2015: divide os alunos em seis grupos com base na renda, escolaridade dos pais e insumos em casa, como carro, computador e internet.



FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDAS 1, 2 E 3

Proporção de estudantes que, segundo seus familiares, receberam atividades

	Maio	Junho	Julho
Estudam em escolas com baixo INSE (grupos 1 a 3)	68%	73%	77%
Estudam em escolas com alto INSE (grupos 4 a 6)	88%	88%	92%
Diferença em pontos percentuais	20	15	15

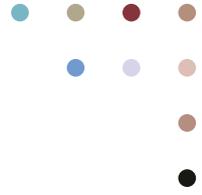
A maior parte (44%) recebeu atividades combinadas por meio de equipamentos eletrônicos e materiais impressos, enquanto 37% receberam apenas atividades por meios eletrônicos e 3% apenas atividades impressas. **Três meses depois do início da suspensão das aulas presenciais, ainda havia cerca de 4,8 milhões de estudantes (18% do total de alunos do Ensino fundamental e do Ensino médio da rede pública) que não teriam recebido nenhum tipo de atividade.**

Corroborando a informação coletada junto às redes e a educadores, identificou-se na percepção dos familiares dos estudantes um maior crescimento do acesso a atividades naquelas regiões e etapas de ensino em que o acesso havia sido mais baixo no início do período de suspensão das aulas presenciais.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDAS 1, 2 E 3

Proporção de estudantes que, segundo seus familiares, receberam atividades

	ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL	ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO
Maio	70%	73%	86%
Junho	79%	76%	84%
Julho	82%	81%	84%
Variação entre maio e julho	12 pontos percentuais	8 pontos percentuais	-2 pontos percentuais



Com o passar dos meses da suspensão de atividades presenciais, as redes de ensino organizaram-se para ampliar as formas de oferta de conteúdos pedagógicos para os estudantes. Essa multiplicidade de estratégias foi importante para ampliar a participação dos estudantes das regiões e etapas de ensino em que são maiores os desafios de implementação de aulas não presenciais mediadas por tecnologia.

instituto
península

O WhatsApp, como já identificado em etapas anteriores de todos os estudos que integram essa síntese, se consolidou como a principal forma de contato: 83% dos professores utilizaram esse meio para comunicar-se com seus alunos e alunas.

Mantiveram-se, no entanto, diferenças entre as redes e etapas de ensino:

- Na **rede privada**, o uso do WhatsApp assim como o das ligações telefônicas foi **significativamente inferior (54% e 12% respectivamente)** quando comparado às redes públicas;
- **Grupos de sala de aula e ambientes virtuais de aprendizagem** foram utilizados com maior frequência pelas escolas da **rede privada (67% e 49% respectivamente)** e pelas redes estaduais (58% e 39%). Foi também maior a incidência dessas modalidades de interação junto a estudantes do Ensino médio (63% e 39%);
- Nas **redes municipais**, dada a maior proporção de crianças mais novas na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental, o uso dessas plataformas foi **bem menos frequente: 24% e 14% respectivamente**.



Quando convidados a avaliar as condições de disponibilidade e uso de equipamentos para acessar a internet durante o período de isolamento social, os jovens ouvidos no estudo Conjuve & Parceiros confirmaram o WhatsApp como principal canal de comunicação durante o período de isolamento social e revelaram, mais uma vez, a desigualdade entre estudantes da rede pública e privada:

- Apenas o WhatsApp propiciou condições equivalentes de acesso para alunos das redes públicas e da rede privada, sendo acessado por 97% e 98% desses estudantes, respectivamente;
- Para todos os demais equipamentos foi significativamente maior a possibilidade de acesso pelos estudantes da rede privada;
- Em média, estudantes das escolas privadas tiveram 2,3 equipamentos à disposição contra 1,6 dentre estudantes das escolas públicas.

CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO

Equipamentos usados para acessar a internet em casa durante o isolamento social

	ENSINO MÉDIO PÚBLICO	ENSINO MÉDIO PRIVADO
Celular/smartphone	97%	98%
TV	28%	38%
Computador/notebook	29%	71%
Videogame	3%	9%
Tablet	4%	11%
Multiplicidade (média de respostas)	1,6	2,3

Estes dados trazem à tona não apenas o acesso desigual à internet como também a uma experiência educacional remota de maior qualidade, em função do tamanho de tela, da capacidade de processamento e, presumivelmente, da velocidade de conexão.

Quando convidados a avaliar a adequação de tais equipamentos para fins de estudo, 69% dos estudantes que frequentam o Ensino médio nas redes públicas concordam, totalmente ou em parte, que os **equipamentos à sua disposição são pouco adequados para o estudo**. Essa proporção cai para 48% dentre os estudantes da rede privada.

“

Aqui no interior de Alagoas, sabendo que muitos jovens não têm acesso à internet, eles [os governos], estão dando as aulas pelas rádios. Então, muitos alunos estão utilizando os rádios nesse momento. Eles chamam aula-rádio.

**JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO
CONJUVE & PARCEIROS**

“

Em Mossoró, [a prefeitura] aderiu à EAD e poucas pessoas vão participar e muitas pessoas que estão querendo participar estão perdidas. Não sabem como é, não sabem como vai acontecer. Só sabem quando vai começar e o período das matrículas. Até os professores estão perdidos.

**JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO
CONJUVE & PARCEIROS**



Corroborando a fala de professores e jovens do Ensino médio, o estudo realizado por Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, em seu terceiro levantamento junto a familiares de estudantes do Ensino fundamental e médio da rede pública, apontou que:

- **94%** das crianças e jovens declararam ter **pelo menos um aparelho celular com acesso à internet: 51%** deles disseram poder utilizá-los para seu próprio uso enquanto **38%** informaram que compartilham os aparelhos com outras pessoas;
- A proporção dos que informaram ter um aparelho celular com acesso à internet nas **regiões Sul (62%) e Sudeste (58%) foi quase o dobro** daquela reportada na **região Norte (32%)**.
- Já a proporção daqueles que declararam ter **pelo menos um computador ou notebook com acesso à internet** foi bem menor: **41%**, sendo 13% os que disseram poder contar com o equipamento para seu uso exclusivo.
- Enquanto **98%** dos estudantes com **renda familiar superior a 5 salários-mínimos** informaram que tinham **acesso a computadores ou notebooks com acesso à internet** para seu próprio uso, essa proporção caiu para **74% para estudantes com renda entre 2 e 5 salários-mínimos** e **não passou de 30% nas famílias com renda de até 2 salários mínimos**, faixa de renda que concentra a maior parte dos estudantes da rede pública.

Dados da Onda 2 da pesquisa Fundação Lemann, Itaú Social e



Imaginable Futures trouxeram que apenas **58%** dos familiares consideram que a internet e equipamentos que têm em casa são suficientes para que as crianças e os adolescentes realizem as atividades solicitadas pelas escolas. Em outras palavras, **mais de 4 em cada 10 estudantes (42%) não teriam, segundo seus familiares, equipamentos e condições de acesso adequados para o contexto da educação não presencial.**

Cientes desses desafios, as redes de ensino de todo o país procuraram adotar múltiplas estratégias e formatos para ampliar as possibilidades de interação com seus estudantes e promover oportunidades de aprendizado e manutenção dos relacionamentos e vínculos com os espaços escolares.

Tais esforços estiveram presentes em todo o país, com variações relevantes de acordo com as demandas e características de cada contexto:

- Na região Nordeste, observou-se a maior multiplicidade de estratégias, com destaque para materiais impressos e para aquelas a serem realizadas pelo computador;
- Já na região Norte, foi feito um uso mais intenso da TV do que nas demais regiões.

Quanto aos formatos, foram relevantes as diferenças entre etapas de ensino, refletindo possivelmente a busca de linguagens e formatos mais adequados para as demandas de cada etapa:

- Atividades ao vivo com presença do professor foram acessadas em maior proporção no Ensino **médio e nos anos finais do Ensino fundamental** (58 e 57%) do que nos anos iniciais do fundamental (50%).

Como se verá mais adiante, tanto jovens quanto seus familiares e professores identificaram a importância de contato direto entre estudantes e docentes, tanto para fortalecer o aprendizado como para a manutenção dos vínculos e da motivação para estudar.

Assim, a maior ou menor possibilidade de contato com seus educadores constituiu-se um dos fatores que impactou a desigualdade de condições de aprendizagem durante o período de interrupção das aulas presenciais.



As disparidades entre possibilidades de acesso a oportunidades de aprendizado apareceram com clareza nas falas dos jovens do Ensino médio ouvidos na pesquisa Conjuve & Parceiros que, dialogando com a percepção dos educadores e dos familiares, apontaram diferenças importantes entre os que frequentam escolas públicas ou privadas:

CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO **Proporção de estudantes do Ensino médio que informam ter atividades ou materiais oferecidos ou indicados pela escola**

	TOTAL	ENSINO MÉDIO PÚBLICO	ENSINO MÉDIO PRIVADO
Materiais em aplicativos ou plataformas on-line	59%	51%	81%
Aulas em plataforma digital com mediação do professor	49%	35%	90%
Conteúdo e exercícios pelo WhatsApp	41%	47%	24%
Vídeos pelo YouTube	39%	38%	43%
Materiais impressos	19%	17%	27%
Aulas na TV aberta com mediação do professor	13%	16%	4%
Aulas em plataforma digital sem mediação do professor	12%	12%	10%
Aulas na TV aberta sem mediação do professor	8%	10%	1%



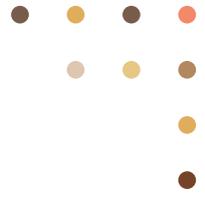
Foram observadas ainda desigualdades significativas nas oportunidades de aprendizado oferecidas aos jovens do Ensino médio segundo a região do país em que vivem:

- Enquanto quase 7 em cada 10 estudantes do Ensino médio na região Sudeste tiveram aulas on-line mediadas por seus professores, essa proporção foi de pouco mais de 4 a cada 10 nas regiões Nordeste e Sul.

O estudo revelou ainda uma significativa desproporção de acesso a oportunidades de aprendizado de acordo com a autodeclaração de cor da pele pelos jovens respondentes:

- Aulas mediadas pelos professores foram acessadas por 60% de jovens autodeclarados brancos. Essa proporção foi mais baixa junto aos estudantes que se declaram pardos e pretos (51% e 44% respectivamente).





DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO

No começo do segundo semestre, após 4 ou 5 meses do início da interrupção das aulas presenciais, mais de 8 em cada 10 estudantes das redes **públicas e parcelas ainda maiores daqueles das escolas particulares** estavam recebendo atividades para realizar em casa. O principal desafio passou a ser o de fazer frente ao desgaste gerado pelo processo educativo não presencial e garantir sentido para sua continuidade, diante de um cenário ainda carregado de incertezas quanto à possível retomada das aulas presenciais.

Educadores e familiares dos estudantes têm visões convergentes quanto aos desafios de manter o interesse, a motivação e o aprendizado dos alunos

- A **falta de motivação** dos estudantes para as atividades chegou a 51% em julho. Nos anos finais do Ensino fundamental, essa proporção foi ainda mais alta: 54%. Foi também nessa etapa que os familiares mais perceberam **pouca evolução no aprendizado** – para 56% dos estudantes;
- O receio de que os estudantes **pudessem desistir da escola** por não conseguirem acompanhar as atividades em casa passou de 31% em maio para **38% em julho, chegando a 43% nos anos finais do Ensino fundamental**;
- 48% dos professores acreditam que **menos da metade dos alunos aprendeu o esperado**.

Em síntese, a interrupção das aulas presenciais atingiu de maneira desigual nossas crianças, adolescentes e jovens estudantes. E essa desigualdade tem claras determinantes regionais, demográficas e econômicas, muitas delas estruturantes das desigualdades sociais e educacionais brasileiras, como se verá a seguir.

Mesmo com a ampliação do acesso a atividades remotas observada em todos os estudos analisados, permaneceu alta a proporção de educadores que declararam que a manutenção do interesse dos estudantes era um dos principais desafios para o ensino remoto:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Itens considerados como principais desafios

	TOTAL
A dificuldade para manter o engajamento do(s) alunos(as)	64%
O distanciamento e a perda de vínculos com os(as) alunos(as)	54%

Na visão dos educadores, a dificuldade de manter os alunos motivados e engajados com o processo das aulas remotas incidiu de maneira diferenciada conforme a etapa de ensino em que se encontram os estudantes:

Instituto Península – Pulso 3

	EDUCAÇÃO INFANTIL	ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL	ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO
A dificuldade para manter o engajamento do(s) alunos(as)	56%	60%	71%	78%

Esse dado é corroborado pela pesquisa Conjuve & Parceiros, com jovens do Ensino médio que trazem suas percepções com relação aos desafios de estudar em casa:

- **55%** concordava, total ou parcialmente, com a afirmação “É difícil tirar dúvidas com professores sem contato presencial”; e
- **52%** concordava, total ou parcialmente, com “Tenho dificuldade de me organizar para estudar à distância”.

O estudo traz elementos adicionais para compreender melhor os fatores determinantes da desigualdade de oportunidades de continuidade do estudo e do aprendizado durante o período de suspensão das aulas presenciais, evidenciando as diferenças entre as percepções dos estudantes do Ensino médio público frente àqueles da rede privada:

CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO Grau de concordância com...

	TOTAL	ENSINO MÉDIO PÚBLICO	ENSINO MÉDIO PRIVADO
É difícil tirar dúvidas com professores sem contato presencial	55%	61%	38%
Tenho dificuldade de me organizar para estudar a distância	52%	54%	44%

“

Do meu ponto de vista, (...) nenhuma ferramenta tecnológica pode substituir um professor em sala de aula. Assim, pode substituir, mas não substitui 100%, né, porque (...) se você ficar com uma dúvida em casa, você não vai entender o conteúdo completamente...

**JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO
CONJUVE & PARCEIROS**

- De um lado, a falta do contato presencial cotidiano dos estudantes com seus professores ampliou a percepção sobre a complexidade do trabalho de professoras e professores nas diversas etapas de ensino e o reconhecimento da comunidade escolar integral sobre o papel docente;
- De outro lado – diante da dificuldade apontada por estudantes de todos os perfis para organizar-se para os estudos – tornou-se mais evidente a importância assegurar formação e condições de trabalho que consolidem o papel do professor como mediador do aprendizado, formando sujeitos autônomos, capazes de gerir processos de aprendizagem e rotinas de estudo na busca de conhecimento e desenvolvimento pessoal.



Dialogando com a percepção dos educadores sobre a dificuldade de manter o engajamento dos estudantes, os familiares declaram que 3 em cada 10 estudantes (32%) não realizaram as atividades recebidas da escola na semana anterior à entrevista:

- Em 14% dos casos, os estudantes haviam recebido atividades para realizar, mas não o fizeram;
- Em 19%, a escola não havia oferecido atividades ou os familiares não souberam informar se estas haviam ou não sido propostas.



FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Proporção de estudantes que, segundo seus familiares, realizaram ou não as atividades na semana anterior à entrevista

(tendo ou não recebido)...

	REALIZARAM	NÃO REALIZARAM
Sudeste	77%	23%
Sul	90%	10%
Nordeste	57%	43%
Centro-Oeste	65%	35%
Norte	43%	57%

Os dados falam por si: por conta de uma combinação de fatores que incidem de maneira desigual tanto sobre a oferta de atividades não presenciais, quanto sobre as condições de acesso e de sua realização, **uma criança ou adolescente que vive na região norte do país teve menos da metade da probabilidade de ter realizado, na semana anterior à entrevista, uma atividade escolar não presencial e avançado em seu aprendizado do que seu coetâneo na região Sul.**

De acordo com os professores entrevistados no âmbito do estudo do Instituto Península, pouco menos da metade (47%) havia conseguido realizar atividades avaliativas com seus alunos.

A prática da avaliação pelos professores durante o período de suspensão das aulas presenciais foi maior junto aos professores do Ensino médio (68%), seguidos pelos que lecionam nos anos finais do fundamental (56%), nos anos iniciais (45%) e na Educação infantil (32%).

Dentre aqueles que realizaram atividades avaliativas, houve uma baixa percepção sobre o aprendizado dos estudantes:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Percepção de professores que realizaram avaliações sobre a aprendizagem pelos alunos diante do esperado

Quase todos aprenderam o esperado	20%
Cerca de metade aprendeu o esperado	32%
Poucos aprenderam o esperado	41%
Quase nenhum aprendeu o esperado	7%

A proporção dos docentes que consideraram que seus alunos e alunas aprenderam o esperado foi **duas vezes maior na rede privada (36%)** do que na **municipal (17%)** e ampliou-se ainda mais em relação à **rede estadual (13%)**.

- Em que pese uma taxa mais baixa de realização de avaliações de aprendizagem nessa etapa de ensino, foi na Educação infantil que os professores tiveram uma percepção mais positiva: 26% dos docentes dessa etapa declararam que quase todas as crianças haviam aprendido o esperado.
- A proporção dos docentes do Ensino fundamental que declaram acreditar que a quase totalidade dos alunos havia aprendido o esperado foi de 22% e 20%, respectivamente nos anos iniciais e finais.
- Para os professores que atuam no Ensino médio, a proporção dos que disseram acreditar que quase todos os estudantes haviam aprendido o esperado foi de apenas 15%.

Os dados do Pulso 3 do estudo do Instituto Península mostraram, mais uma vez, diferenças importantes entre as redes de ensino:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Proporção de docentes que realizaram atividades avaliativas e estimaram que...

	TOTAL	REDES MUNICIPAIS	REDES ESTADUAIS	REDE PRIVADA
...pelo menos a metade aprendeu	24%	19%	26%	50%

- **Na rede privada**, 7 em cada 10 professores realizaram atividades avaliativas com seus alunos; destes, novamente 70% avaliam que pelo menos a metade dos estudantes aprenderam o que era esperado. **Assim, pode-se estimar que cerca de metade dos professores possam planejar seu trabalho para lidar com estudantes que aprenderam pelo menos a metade do esperado;**
- O mesmo raciocínio aplicado aos docentes da **rede estadual** indica que somente **1 a cada 4 docentes pode planejar o trabalho** considerando que seus alunos aprenderam pelo menos metade do que se esperava;
- **Nas redes municipais, apenas 1 em cada 5 professores** encontra-se em situação análoga.

Em um cenário em que as aulas presenciais foram suspensas em março, e ainda não retornaram em muitas redes, e onde há grande dificuldade para fazer o ensino ser efetivo a distância, um bom diagnóstico de como estão os estudantes é essencial. Isso inclui a avaliação das aprendizagens, mas também sobre o estado socioemocional de cada um deles e o que pensam sobre esse processo de ensino-aprendizagem remoto. Esse diagnóstico não precisa esperar a volta às aulas para acontecer. Pelo contrário, o ideal é que as redes em que a maioria dos estudantes tem acesso à internet se apropriem de ferramentas de avaliações e questionários on-line para já fazer esse diagnóstico. No retorno, esse processo de avaliação será imprescindível para direcionar as ações pedagógicas das escolas e secretarias, identificando os alunos com mais dificuldades (que tiveram menor aproveitamento das atividades não presenciais) para que, além de serem encaminhados para o reforço escolar, possam ser classificados como prioritários.

Segundo os educadores consultados no Pulso 3 do estudo realizado pelo Instituto Península, múltiplos fatores teriam impactado a dificuldade de aprendizado:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Principais desafios do ensino remoto segundo os professores

Falta de infraestrutura e conectividade dos alunos	79%
Dificuldade de manter o engajamento dos alunos	64%
Distanciamento e perda de vínculos com alunos	54%
Falta de formação para lidar com desafios do ensino remoto	49%
Falta de conhecimento das ferramentas virtuais	46%
Falta de um ambiente adequado para trabalhar em casa	45%
Lidar com pais, familiares e cuidadores	38%
O lado emocional tem atrapalhado meu trabalho	34%
Falta de conhecimento de recursos de acessibilidade comunicacional	26%

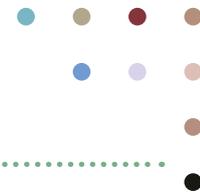
Algumas diferenças entre etapas de ensino merecem destaque:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Principais desafios do ensino remoto segundo os professores

	EDUCAÇÃO INFANTIL	FUND. ANOS INICIAIS	FUND. ANOS FINAIS	ENSINO MÉDIO
Falta de infraestrutura e conectividade dos alunos	73%	77%	84%	84%
Dificuldade de manter o engajamento dos alunos	56%	60%	71%	78%
Lidar com pais, familiares e cuidadores	44%	46%	37%	30%





Também de acordo com a percepção das famílias consultadas pelo estudo da Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, o envolvimento dos estudantes com a escola tem sido menor durante a pandemia quando comparado com o período anterior, com as aulas presenciais:



FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Percepção dos pais/responsáveis sobre a relação dos estudantes com a escola

	TOTAL
Está MAIS ENVOLVIDO com atividades escolares do que costumava estar antes do isolamento social	18%
Está TÃO ENVOLVIDO com as atividades escolares quanto estava antes do período anterior ao isolamento social	16%
Está MENOS ENVOLVIDO com as atividades escolares do que costumava estar no período anterior ao isolamento social	48%
PERDEU O INTERESSE na escola, tem sido difícil animá-lo a fazer as atividades propostas	18%

Essa percepção é compartilhada por familiares de diferentes níveis de escolaridade e faixas de renda, com uma incidência de percepções negativas um pouco maior junto a familiares com nível superior e com renda familiar acima de 5 salários mínimos.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Percepção dos pais/responsáveis sobre a relação dos estudantes com a escola

	ESCOLARIDADE DO RESPONSÁVEL			RENDA FAMILIAR		
	Fundamental	Médio	Superior	Até 2 S.M.	Mais de 2 a 5 S.M.	Mais de 5 S.M.
Está MENOS ENVOLVIDO com as atividades escolares do que costumava estar no período anterior ao isolamento social	46%	48%	52%	48%	44%	60%

Educadores, estudantes e suas famílias tiveram suas rotinas fortemente alteradas durante a interrupção das aulas presenciais, mesmo quando as redes de ensino e as escolas procuraram manter a carga horária e cumprir com o planejamento para o ano letivo.

Para os docentes consultados pelo Instituto Península, incorporam-se uma série de novas atividades visando adequar conteúdos e métodos de ensino ao contexto remoto, seja ele mediado ou não pela tecnologia:

- Elaboração de atividades a serem realizadas com os estudantes à distância (69%), revisão de planos de aula (57%), cursos de formação sobre aprendizagem em ambientes virtuais (57%), busca de tutoriais e dicas na internet (53%) bem como a realização de reuniões periódicas de planejamento com a gestão escolar (62%) foram aquelas citadas com maior frequência.

Para a grande maioria dos itens testados, observou-se uma maior quantidade de respostas à medida que aumenta a idade dos estudantes, indicando uma maior sobrecarga dos docentes que atuam no Ensino médio:

- A falta de **infraestrutura e conectividade** dos estudantes foi percebida com maior intensidade pelos professores dos estudantes dos anos finais do Ensino fundamental e do Ensino médio (84%) quando comparados a docentes que atuam anos iniciais (77%) e na Educação infantil (73%),
- o mesmo ocorreu com a **dificuldade para manter o engajamento dos alunos e alunas**: essa percepção foi confirmada por 78% dos docentes no Ensino médio, 71% nos anos finais do fundamental, 60% nos anos iniciais e 56% dentre os que atuam na Educação infantil.

Além das condições de infraestrutura para promover oportunidades de aprendizado e a manutenção de engajamento e vínculo com os estudantes, os docentes apontaram ainda a necessidade de desenvolver suas próprias competências e habilidades:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Principais desafios do ensino remoto segundo os professores

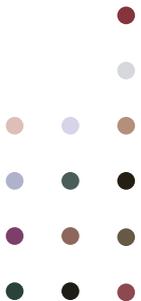
A falta de conhecimento de ferramentas virtuais	46%
A falta de formação para lidar com os desafios do ensino remoto	49%
A falta de conhecimento de recursos de acessibilidade comunicacional	26%

“

(...) os professores estão gravando videoaulas, mandando pros alunos via WhatsApp e tendo aulas on-line por meio do Zoom... Se pra eles [os professores] já tá sendo uma dificuldade, imagina pro jovem que nunca soube pegar no computador direito!

JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO CONJUVE & PARCEIROS

Fortalecer tais habilidades é um fator chave para enfrentar os desafios do período atual bem como para construir soluções capazes de recuperar o aprendizado dos estudantes e consolidar estratégias e práticas que podem contribuir favoravelmente com o ensino e com o aprendizado, já que tanto estudantes quanto seus familiares veem no professor a figura central do diálogo com a escola.



Pesquisas e mapeamentos apontam como fatores-chaves do desenvolvimento integral de crianças, jovens e adolescentes não só o papel da família ou da escola independentemente, mas da interação entre esses dois espaços com seus distintos agentes: pais, responsáveis, professores, diretores e profissionais de educação em geral. As evidências científicas mostram que quanto maior a complementaridade desses dois contextos, melhores os resultados nas habilidades e competências das crianças.¹ As pesquisas de opinião realizadas neste período de pandemia também destacam a visão de pais e responsáveis sobre a valorização do papel dos professores e da vida escolar para o desenvolvimento dos seus filhos. Os pais e responsáveis têm manifestado que seria importante receber orientações das escolas para poder apoiar mais os estudantes nesse processo de aprendizagem não presencial. Ao mesmo tempo, em outras pesquisas realizados pelo Itaú Social², profissionais de Secretarias municipais e estaduais de educação de todo o Brasil manifestam que ações capazes de promover maior interação da escola com a família têm contribuído para a melhoria da frequência escolar, a diminuição da evasão e o aumento do desempenho acadêmico. No mesmo estudo, mostra-se que as ações de aproximação família-escola são mais efetivas quando estão integradas com o projeto pedagógico; quando são sistêmicas e adaptadas às realidades e diversidades das famílias e seus territórios; quando criam espaços de diálogo com as famílias; quando mudam a abordagem de “aproximação” para o foco nos aspectos positivos dos alunos e da escola; quando orientam as famílias e as integram com outros atores do território.

O período de interrupção das aulas presenciais tem nos deixado uma grande lição: não podemos esperar avançar na redução das desigualdades educacionais – intensificadas neste período – sem contar com a articulação e estratégias sistêmicas de envolvimento entre a escola e a família e, do mesmo modo, sem a atuação em rede e conjunta entre o poder público e a sociedade.

Itaú Social – Relação família-escola

¹ GARBARINO, J. Children and families in the social environment. 2. ed. New York: Aldine de Gruyter, 1992.

² Itaú Social, Plano CDE. Pesquisa Relação Família-Escola: Estudos de Casos de Redes. 2018. Disponível em: <https://polo.org.br/biblioteca/galeria/303/relacao-familia-escola-estudos-de-casos-de-redes>

6 em cada 10 familiares (63%), quando perguntados sobre qual ação seria a mais importante para ajudar os estudantes a continuarem aprendendo no período sem aulas presenciais, indicaram prioritariamente a interlocução com os professores, seja no formato de reuniões on-line (opção preferida por 38% dos familiares) seja em conversas mais individualizadas (27%, chegando a 34% dentre os pais com mais baixa escolarização).

Os dados da Onda 3 da pesquisa Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures confirmaram a tendência já verificada na Onda 2 e corroboraram – como se verá mais adiante – a percepção dos professores de que se intensificaram os desafios do estudo não presencial: ampliaram-se as dificuldades de crianças e adolescentes para manter a rotina de estudos (especialmente no Ensino médio), apenas cerca de metade dos estudantes teria motivação para realizar as atividades em casa e estaria, segundo seus familiares, evoluindo na aprendizagem.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDAS 1, 2 E 3

Proporção de estudantes cujos familiares CONCORDAM (total ou parcialmente) sobre...

	ANOS INICIAIS FUNDAMENTAL		
	MAIO	JUNHO	JULHO
Baixa motivação com as atividades remotas	46%	53%	51%
Grande dificuldade para manter uma rotina de estudo	53%	61%	67%
Está evoluindo no aprendizado	50%	52%	49%



Algumas diferenças por etapas de ensino merecem destaque:

- A falta de motivação para a realização de atividades escolares remotas é percebida com maior intensidade pelos familiares dos estudantes dos anos finais do Ensino fundamental (54%), seguidos por aqueles dos anos iniciais (51%);
- A dificuldade para manter uma rotina de estudos é ligeiramente maior junto aos estudantes mais novos, que frequentam os anos iniciais do Ensino fundamental (70%);
- Os familiares dos estudantes dos anos finais do Ensino fundamental são os que menos concordam que os estudantes estão evoluindo no aprendizado (42%).

“

[Esse interesse em aprender a gerir o tempo] também é uma materialização das pessoas estarem se adequando a essa nova realidade, então elas precisam organizar o tempo para trabalhar em casa, pra estudar, e muita gente não tem essa habilidade, que eu também não estou conseguindo desenvolver, de organizar o tempo para fazer tudo que fazia antes.

**JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO
CONJUVE & PARCEIROS**

Para além da maior ou menor frequência e regularidade na oferta de atividades escolares e das condições dos estudantes para acessá-las e realizá-las de maneira não presencial, cabe uma reflexão sobre conteúdos disponibilizados e expectativas de aprendizagem. Redes de ensino, equipes escolares, famílias e estudantes foram levados a alterar radicalmente suas rotinas e práticas e levados a repensar procedimentos, desenvolver e implementar inúmeras habilidades não necessariamente explicitadas nas propostas curriculares, mas certamente valiosas. Num contexto de múltiplas incertezas, muitos tiveram que enfrentar situações de estresse relacionadas aos efeitos da pandemia na saúde, nas condições de trabalho e geração de renda ou até mesmo de exposição a situações de violência no ambiente doméstico. Nesse contexto, seriam os conteúdos curriculares a melhor referência para definir expectativas de aprendizagem?

Na visão dos jovens do Ensino médio ouvidos na pesquisa Conjuve & Parceiros, a resposta – com pequenas diferenças entre as escolas públicas e privadas – já foi dada no próprio estudo, quando indagados sobre quais seriam os tipos de conteúdo mais importantes para a escola oferecer nesse período sem aulas presenciais:



CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO **Proporção de estudantes que avaliam a importância de diferentes conteúdos a serem oferecidos**

	TOTAL	ENSINO MÉDIO PÚBLICO	ENSINO MÉDIO PRIVADO
Atividades para trabalhar as emoções	54%	53%	57%
Estratégias para ajudar a organizar o tempo e os estudos	49%	47%	53%
Disciplinas do currículo deste ano	32%	28%	42%
Testes, desafios e jogos educativos	18%	19%	16%
Conteúdos culturais	11%	12%	11%
Outros conteúdos	2%	2%	2%

Em ambos os grupos, havia uma expectativa de realizar atividades que ajudassem os jovens **a lidar com as emoções e a desenvolver estratégias para apoiá-los nos estudos**. Já as expectativas de **aprender as disciplinas do currículo** previsto para o ano **mobilizou 42% dos jovens estudantes do Ensino médio privado e uma proporção menor, 28%, dos estudantes do Ensino médio público**.

“

Uma frase que ouvi de estudantes que achei bem forte foi que eles falaram: as instituições de ensino querem que eu aprenda um monte de coisas, sendo que a minha prioridade agora é sobreviver. Eu preciso sobreviver nesse momento, eu não preciso aprender coisa nova, não tem o porquê eu estar focado em conteúdos muito específicos.

**JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO
CONJUVE & PARCEIROS**

Nessa mesma linha, a pesquisa organizada pela Fundação Carlos Chagas realizada no final de abril já mostrara a preocupação dos docentes com o estado emocional das crianças e adolescentes, quando **54% afirmaram que havia aumentado a ansiedade dos estudantes** com a suspensão das aulas presenciais.

No Pulso 3 do estudo do Instituto Península, os educadores puderam expressar suas preocupações com fatores emocionais, tanto em relação aos estudantes quanto a si próprios: convidados a refletir o quanto estavam preocupados, considerando o momento atual:

- 3 em cada 4 docentes preocupavam-se com a saúde mental de seus alunos e alunas, sendo 27% “totalmente preocupados” e 48% “muito preocupados”;
- Proporções semelhantes foram expressas em relação à saúde física dos estudantes (68% entre “totalmente” e “muito” preocupados);
- 60% declararam-se preocupados com relação à saúde física e 56% quanto à saúde mental de seus familiares;
- Mais da metade disse estar preocupada com a própria saúde física (58%) e mental (54%).

Quanto a desafios específicos da profissão docente, o Informe nº 2 da Fundação Carlos Chagas apontou como principais o aumento da rotina profissional, a preocupação com a diminuição da aprendizagem dos estudantes e o aumento da ansiedade dos alunos – em proporções semelhantes entre as redes públicas e a rede privada. No entanto, foram os profissionais que atuam nas redes municipais os que manifestaram sentir-se pouco apoiados para realizarem seu trabalho de maneira remota:

FCC – INFORME Nº 2

Proporção de educadores que se considera apoiado em suas atividades com os alunos

Rede	APOIO		
	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
Pública municipal	63%	32%	5%
Pública estadual	72%	25%	3%
Privada	67%	31%	3%

O Informe nº 2 apontou ainda que foram os docentes negros – mulheres e homens – que sinalizaram as maiores dificuldades para garantir o atendimento a seus alunos.

FCC – INFORME Nº 2

Proporção de educadores que se considera apoiado em suas atividades com os alunos

Sexo e Cor/Raça	APOIO		
	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
Homem branco	69%	27%	3%
Homem negro	60%	34%	6%
Mulher branca	72%	26%	2%
Mulher negra	64%	31%	5%



Consultados pela pesquisa Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, os familiares dos estudantes expressaram as mesmas preocupações com o estado emocional das crianças e adolescentes, com maior incidência em relação aos estudantes do Ensino médio:

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Percepção dos familiares com relação ao estado emocional dos estudantes

	TOTAL	ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS	ENSINO MÉDIO
Ansioso	64%	63%	62%	67%
Irritado	48%	47%	48%	48%
Triste	41%	40%	42%	44%
Sobrecarregado	27%	27%	26%	33%

No estudo Conjuve & Parceiros junto a jovens estudantes do Ensino médio, constatou-se situação semelhante. Ao serem convidados a escolher a prevalência de sentimentos tendentes ao positivo ou ao negativo em relação a seu estado emocional, os jovens **manifestaram predominantemente sentimentos negativos**, com diferenças relevantes entre os jovens das escolas públicas e privadas:

CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO Percepção Muito Negativa/Negativa sobre próprios sentimentos no período da pandemia

	% dos que optam para os sentimentos negativos da escala		
	TOTAL	ENSINO MÉDIO PÚBLICO	ENSINO MÉDIO PRIVADO
Mais para entediado do que para estimulado?	62%	64%	56%
Mais para ansioso do que para calmo?	60%	60%	61%
Mais para impaciente do que para sereno?	57%	58%	55%
Mais para sobrecarregado do que para tranquilo?	54%	52%	61%
Mais para triste do que para feliz?	52%	54%	46%
Mais para exausto do que para descansado?	49%	48%	53%
Mais para impotente do que para empoderado?	47%	47%	46%
Mais para assustado do que para seguro?	45%	46%	41%
Mais para solitário do que para acolhido?	39%	41%	36%

Interessante notar como apesar de diferenças relevantes e sistemáticas entre jovens estudantes do Ensino médio das redes pública e privada em grande parte dos dados aqui analisados, tais diferenças se neutralizam quando se trata de alguns aspectos do estado emocional:

- **Ansiedade, impaciência, impotência atingem igualmente os dois grupos** de jovens;
- Os jovens que frequentam as escolas da **rede privada**, com uma maior densidade de atividades escolares a realizar, expressam em proporções significativamente maiores a **sobrecarga** (61% x 52%), a **exaustão** (53% x 48%), e, conseqüentemente, em menor proporção, o tédio (56% x 64%);

- Já os estudantes das **escolas públicas**, com menor carga de atividades escolares e menor convívio com as rotinas do estudo, declaram sentir-se mais entediados (64% x 56%), mais tristes (54% x 46%) e mais solitários (41% x 36%);
- Possivelmente por estarem mais expostos a riscos em relação à saúde e a instabilidades em termos de trabalho e renda, é também o grupo de alunos das escolas públicas o que se declara mais assustado (46% x 41%).



Os dados da pesquisa Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, considerando estudantes dos 6 aos 18 anos, vão na mesma direção, evidenciando as relações entre a condição socioeconômica dos estudantes e seu estado emocional.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Percepção dos familiares com relação ao estado emocional dos estudantes

	RENDA FAMILIAR		
	Total	Até 2 SM	Mais de 2 SM
Ansioso	64%	64%	63%
Irritado	48%	49%	42%
Triste	41%	44%	35%
Sobrecarregado	27%	30%	21%

Enquanto a ansiedade perpassa estudantes de todas as faixas de renda, a irritação, a tristeza e a sobrecarga afetam em maiores proporções aqueles que vivem em domicílios com menor nível de renda.

Impactos da prolongada duração do período de isolamento e substituição da rotina de aulas presenciais por atividades remotas também impactaram a condição emocional dos educadores. Convidados a marcar em uma lista contendo 8 estados de ânimo de conotação negativa aqueles com os quais se identificam:

- a maior parcela das respostas está associada a sentimentos ligados ao volume de atividades e ao excesso de pressão como ansiedade, sobrecarga, cansaço e estresse. Esse conjunto de sentimentos expressa-se com mais frequência entre as professoras do que entre os professores;
- um segundo grupo de sentimentos negativos, tais como frustração, tédio, depressão e solidão, mais associados a fatores individuais e expressos de modo mais equilibrado entre homens e mulheres.

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

	TOTAL	Feminino	Masculino
Ansioso(a)	64%	65%	59%
Sobrecarregado(a)	53%	54%	48%
Cansado(a)	46%	46%	43%
Estressado(a)	42%	43%	39%
Frustrado(a)	34%	34%	35%
Entediado(a)	26%	24%	34%
Depressivo(a)	20%	19%	21%
Solitário(a)	18%	17%	20%

- Já quando solicitados a identificar os sentimentos positivos, o patamar de respostas cai muito: 10% diziam-se calmos, 5% felizes, alegres ou satisfeitos, 4% declaravam-se entusiasmados e 2% realizados.



Desde a metade de março de 2020, mais de 48 milhões de alunos estão com suas rotinas alteradas devido às medidas de combate ao coronavírus. Neste momento tão atípico e incerto, entender como estão os nossos mais de 2,2 milhões de professores está sendo essencial. Dentre os brasileiros, os professores foram uma das categorias profissionais mais afetadas: tiveram que transformar sua expertise em ensino presencial para adequá-la à educação remota. Grande parte nunca havia ensinado a distância e tiveram que se reinventar para se adequar à nova realidade.

A maioria reporta nível alto de ansiedade, preocupação com a saúde de suas famílias, além da sua própria saúde mental e física. A preocupação se intensifica ainda mais pelas condições de desigualdade dos alunos. Ser docente é criar vínculo com seus alunos. Os professores ficam preocupados não só pela aprendizagem, mas pela merenda, segurança, integridade física e mental dos alunos.

No retorno, propostas de acolhimento para docentes e alunos serão fundamentais para reafirmar a função social da escola e apoiar as necessidades de aprendizagem dos alunos, principalmente daqueles que tiveram menor aproveitamento durante o ensino



(DES)CONTINUIDADE DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Um dos temas que tem merecido maior atenção nos debates relacionados à suspensão das aulas presenciais, às diferentes modalidades de oferta de ensino remoto e ao planejamento das estratégias de volta às aulas presenciais é o risco de interrupção das trajetórias escolares dos estudantes, sejam elas de caráter temporário (abandono) ou definitivo (evasão). Com efeito, esses riscos aparecem nas falas dos diferentes perfis de respondentes das pesquisas aqui analisadas.





Os dados do estudo Conjuve & Parceiros trouxeram evidências de que **mais de 1 em cada 4 (27%)** jovens do Ensino médio já **pensou em não voltar para a escola ao final do período de suspensão das aulas**.

- Essa proporção é maior dentre os estudantes das **redes públicas (30%)** quando comparados àqueles que frequentam as escolas da **rede privada (19%)**;
- É também maior o risco de interrupção da trajetória escolar de estudantes que se autodeclararam **pretos (30%)**, seguidos pelos que se identificam como **pardos (27%)** e **brancos (25%)**.



Para os familiares dos estudantes do Ensino fundamental e médio, a preocupação se mostra crescente:



- **aumentou de 31% para 38%** a proporção de familiares que concordam em parte ou totalmente ter medo de que as crianças e principalmente os adolescentes possam desistir dos estudos caso não acompanhem as atividades, como apontam os dados das 3 Ondas do estudo Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDAS 1, 2 E 3

Receio dos familiares em relação à possibilidade de desistência dos estudos caso não acompanhem as atividades (concordam totalmente ou em parte)

	MAIO	JUNHO	JULHO
Ensino fundamental – anos iniciais	31%	28%	35%
Ensino fundamental – anos finais	32%	35%	42%
Ensino médio	31%	30%	38%
TOTAL	31%	31%	38%

Em particular, chama a atenção a percepção de familiares com **relação aos adolescentes dos anos finais do Ensino fundamental**, que

apontam crescimento significativo nas dificuldades para acompanhar atividades, têm a menor porcentagem de percepção positiva com relação à evolução na aprendizagem e, sempre segundo os familiares, o **mais alto risco de interrupção de suas trajetórias escolares**.

A preocupação com a possibilidade da descontinuidade nos estudos mostrou-se mais frequente por parte de familiares com menor escolaridade e menor renda:

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Receio dos familiares em relação à possibilidade de desistência dos estudos caso não acompanhem as atividades

	ESCOLARIDADE DOS FAMILIARES			RENDA FAMILIAR	
	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR	ATÉ 2 S.M.	ACIMA DE 2 S.M.
Concordam totalmente	30%	24%	19%	29%	15%
Discordam totalmente	45%	55%	64%	48%	68%

Indagados sobre quais seriam as motivações para essa descontinuidade:

- **Mais da metade (53%)** dos familiares que expressam essa preocupação a atribuíram ao fato dos estudantes **não estarem conseguindo acompanhar as atividades remotas**, percentual que chegou a 60% no Sudeste e 69% no Sul;
- Já o medo de **ficar doente ou de contagiar outras pessoas da família** foi o motivo identificado pelos familiares como razão de não continuidade dos estudos para **38% dos estudantes**, proporção que atingiu 50% no Nordeste e 47% no Centro-Oeste;
- Interessante ainda notar que **o baixo aprendizado** foi citado com maior frequência como motivação por **familiares com maior escolaridade** (61% dentre aqueles com Ensino médio e 64% dos que têm Ensino superior) enquanto as **preocupações sanitárias** foram citadas com maior frequência por familiares com **Ensino fundamental**.



Preocupadas com a possibilidade de riscos na continuidade do processo de escolarização, praticamente 8 de cada 10 redes municipais de ensino (79%) declararam, no levantamento feito por Iede e CTE-IRB entre os meses de maio e junho, possuir alguma estratégia para evitar o abandono:

- a maior proporção foi encontrada nas redes municipais do **Nordeste (83%)**, seguido por **Sudeste/Sul (81%)**, **Norte (76%)** e **Centro-Oeste (74%)**;
- Todas as 17 rede estaduais pesquisadas afirmaram possuir estratégias para evitar o abandono escolar;



- 4 em cada 10 professores entrevistados no Pulso 3 do estudo do Instituto Península declararam pretender adotar estratégias para busca ativa dos alunos que não houvessem retornado à escola.



Para compreender melhor como pode-se dar o processo que leva o estudante a desistir da continuidade de sua trajetória educativa por não estar conseguindo aprender durante o período de interrupção das aulas presenciais, os dados do estudo Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures foram segmentados em **cinco diferentes perfis**, com base nas percepções dos familiares sobre como crianças e adolescentes atravessaram o período de suspensão das aulas presenciais.

Para essa construção, foram consideradas as seguintes características:

- a percepção sobre a evolução nos estudos;
- o grau de motivação na realização das atividades não presenciais;
- as condições de manutenção das rotinas de estudo;
- as perspectivas de eventual interrupção ou abandono da trajetória escolar.

81%
RECEBEM
ATIVIDADES
PARA REALIZAR
EM CASA

ESTÃO
EVOLUINDO COM
AS ATIVIDADES

ESTÃO
MOTIVADOS COM
AS ATIVIDADES

FAMILIARES
NÃO RECEIAM
DESISTÊNCIA DOS
ESTUDOS

NÃO ESTÃO
EVOLUINDO COM
AS ATIVIDADES

NÃO ESTÃO
MOTIVADOS COM
AS ATIVIDADES

TÊM DIFICULDADE
PARA MANTER
A ROTINA DE
ESTUDOS

NÃO RECEBEM
ATIVIDADES
PARA REALIZAR
EM CASA

E NÃO TÊM DIFICULDADE PARA MANTER A ROTINA DE ESTUDOS ADAPTADOS

prevalência de meninas entre 15 e 18 anos

- responsáveis com escolaridade alta e maior renda familiar
- maior incidência no Ensino Médio e na Região Sul

MAS TÊM DIFICULDADE PARA MANTER A ROTINA DE ESTUDOS SUPERADORES

- perfis familiares bastante homogêneos
- maior incidência na Região Sul
- menor incidência nos anos finais do Ensino Fundamental

MAS NÃO RECEIAM DESISTÊNCIA DOS ESTUDOS RESILIENTES

prevalência de crianças entre 6 e 10 anos e estudantes negros

- responsáveis com escolaridade alta e maior renda familiar
- menor incidência na região Nordeste
- maior incidência nos anos iniciais do Fundamental

E RECEIAM DESISTÊNCIA DOS ESTUDOS EM RISCO

- prevalência de estudantes entre 15 e 18 anos e estudantes negros
- responsáveis com menor escolaridade e renda familiar mais baixa
- maior incidência na região Sudeste
- maior incidência nos anos finais do Fundamental

E NÃO TEM OPORTUNIDADE DE APRENDIZADO COM ATIVIDADES PARA REALIZAR EM CASA DESVINCULADOS

- responsáveis com menor escolaridade e renda familiar mais baixa
- alta concentração nas regiões Norte e Nordeste
- presentes em todas as etapas de ensino

18%
TENDÊNCIA
ESTÁVEL

13%
TENDÊNCIA
ESTÁVEL

21%
TENDÊNCIA
CRESCENTE

28%
TENDÊNCIA
CRESCENTE

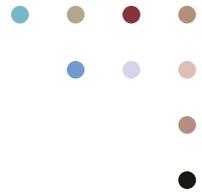
19%
TENDÊNCIA
DECRESCENTE



A observação das características sociodemográficas e dos contextos educacionais em que se inserem os cinco grupos revelam importantes evidências sobre o agravamento das desigualdades educacionais durante o período da pandemia:

- O grupo designado como **ADAPTADOS (18% do total no levantamento de julho)** reúne estudantes que, tendo recebido atividades para realizar em casa, segundo seus familiares, **estavam motivados** a realizá-las, **estavam evoluindo** no aprendizado, **não tinham propensão a interromper os estudos** e, por fim, **estavam sendo capazes de manter uma rotina** de estudos. Nesse grupo **prevalcem as estudantes do sexo feminino** e não há diferenças significativas por faixas etárias ou entre estudantes brancos e negros;
- Um segundo segmento, correspondentes a **13%** e identificados como **SUPERADORES**, é composto por estudantes que receberam atividades para realizar em casa, mas tinham **dificuldades para manter uma rotina de estudos**. Ainda assim, **estavam evoluindo** no aprendizado, **motivados** a realizar as atividades e não causavam receio que querer interromper os estudos. Neste segmento **prevalcem estudantes de 6 a 10 anos**;
- Os estudantes categorizados como **RESILIENTES** são aqueles cujos familiares afirmaram, no levantamento de julho, que recebiam atividades para realizar em casa, mas **não estavam motivados** com sua realização, consideravam um **desafio a manutenção das rotinas** de estudo e **não estavam evoluindo no aprendizado**. Ainda assim, não eram percebidos como propensos a interromper os estudos. No mês de julho, esse grupo correspondia a **21%**, com **prevalência de estudantes do sexo masculino e até os 14 anos**;
- O quarto grupo pode ser configurado como **EM RISCO** educacional. É composto por estudantes cujos familiares afirmaram, na pesquisa de julho, que receberam atividades, mas **tinham dificuldades para manter as rotinas** de estudo, **não estavam motivados** e **não evoluíam no aprendizado**. Para esse grupo, os familiares consideram que **há risco de não voltarem à escola por não estarem aprendendo**. No levantamento de julho, esse grupo – marcado por uma





proporção maior de estudantes **mais velhos** – foi o maior dos cinco, correspondendo a **28% dos estudantes**.

- Por fim, mas certamente não menos relevante, o grupo dos **DESVINCULADOS** – equivalentes a **19% do total** – constituído por crianças e adolescentes que ficaram à margem do processo de aprendizado durante o período de isolamento, por **não terem tido acesso a atividades escolares** e, portanto, com oportunidades ainda mais limitadas para organizar-se, motivar-se e evoluir no aprendizado bem como na continuidade dos estudos. Nesse grupo, estão presentes em maior proporção os **estudantes do sexo masculino** (21% contra 18% do sexo feminino) e **estudantes negros** (21% frente a 14% dentre os brancos).

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Receio dos familiares em relação a possibilidade de desistência dos estudos caso não acompanhem as atividades

	ADAPTADOS: evoluíram no aprendizado, souberam organizar-se, estavam motivados e não geram receio de interromper os estudos.	SUPERADORES: não souberam se organizar, mas conseguiram aprender e permanecem motivados. Sem risco de descontinuidade nos estudos.	RESILIENTES: não conseguiram se organizar, aprenderam pouco e estão pouco motivados, mas não há risco de interrupção de suas trajetórias escolares.	EM RISCO: não conseguiram se organizar, aprenderam pouco, estão pouco motivados e familiares receiam possibilidade de interromper os estudos.	DESVINCULADOS: Não receberam atividades para realizar em casa.
TOTAL	18%	13%	21%	28%	19%
SEXO					
MASCULINO	15%	13%	23%	28%	21%
FEMININO	21%	14%	19%	28%	18%
IDADE					
6 a 10 anos	18%	16%	23%	26%	17%
11 a 14 anos	17%	12%	23%	29%	19%
15 a 18 anos	19%	11%	17%	30%	23%
COR/RAÇA					
Branco	19%	15%	25%	27%	14%
Negro	17%	13%	20%	29%	21%

O perfil socioeconômico das famílias também influenciou na caracterização dos grupos:

- Estudantes cujos responsáveis têm **menor grau de escolaridade** e com **menor renda familiar** estão claramente presentes em maior proporção no grupo dos estudantes **EM RISCO** e **DESVINCULADOS**.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDA 3

Segmentos de acordo com variáveis sociodemográficas das famílias dos estudantes

	ADAPTADOS	SUPERADORES	RESILIENTES	EM RISCO	DESVINCULADOS
ESCOLARIDADE DOS RESPONSÁVEIS					
Fundamental	16%	12%	16%	31%	25%
Médio	18%	15%	22%	28%	17%
Superior	24%	12%	31%	21%	12%
RENDA FAMILIAR					
Até 2 S.M.	16%	12%	19%	31%	22%
Mais de 2 S.M.	23%	17%	29%	19%	11%

Os diferentes perfis de estudantes se distribuem de maneira desigual pelas regiões do país e etapas de ensino.



	ADAPTADOS	SUPERADO-RES	RESILIENTES	EM RISCO	DESVINCULADOS
REGIÕES					
Sudeste	16%	14%	26%	35%	9%
Sul	27%	18%	23%	26%	6%
Nordeste	19%	13%	14%	23%	31%
Centro Oeste	16%	15%	28%	29%	12%
Norte	13%	9%	17%	22%	40%
REDES DE ENSINO					
Municipal	17%	13%	19%	25%	24%
Estadual	18%	13%	23%	31%	14%
ETAPAS DE ENSINO					
Anos iniciais	17%	15%	23%	25%	20%
Anos finais	17%	11%	21%	31%	20%
Médio	21%	14%	18%	29%	18%

As duas últimas categorias são aquelas que requerem **atenção prioritária** para assegurar a continuidade de suas trajetórias escolares e construir perspectivas positivas de desenvolvimento para os indivíduos e para a sociedade brasileira como um todo. Nessas suas categorias estão **mais da metade** dos estudantes **entre 15 e 18 anos**, cujos responsáveis têm **baixa escolaridade e a renda familiar** não supera os 2 salários-mínimos, particularmente concentrados nas regiões **Nordeste e Norte**. Esses dois grupos também representam **mais da metade dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental**.

Cientes da importância da caracterização dos segmentos de estudantes a serem priorizados por todas as instâncias envolvidas no processo educativo, foi possível antecipar alguns dados da Onda 4 do estudo da Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, realizada no mês de setembro, ainda não divulgados quando da organização deste documento, evidenciando as principais tendências, positivas e negativas ao longo do período:

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES – ONDAS 1, 2, 3 E 4

Proporção de estudantes de acordo com 5 grupos

	maio	junho	julho	setembro
ADAPTADOS	14%	12%	18%	14%
SUPERADORES	23%	22%	13%	21%
RESILIENTES	17%	22%	21%	30%
EM RISCO	19%	23%	28%	28%
DESVINCULADOS	26%	21%	19%	7%

- **Diminuiu, de 26% para 7%**, a proporção daqueles sem interação com a escola, que **não haviam recebido atividades** para realizar em casa (DESVINCULADOS);
- Por outro lado, **permaneceu estável a proporção** de ADAPTADOS e SUPERADORES, **que têm avançado no aprendizado**, mesmo com dificuldades para adaptar-se a rotinas de estudo;
- A proporção do grupo designado como RESILIENTE, com **pouca evolução em seu aprendizado, atinge 30%** dos estudantes em setembro;
- **Manteve-se o patamar de 28%**, registrado em julho, na proporção de **estudantes EM RISCO**.

A análise por grupos de estudantes evidenciou ainda a importância de algumas práticas, durante o período de suspensão das aulas presenciais, que contribuíram para o aprendizado, a motivação, a organização para os estudos e para a propensão a continuar estudando.

Considerando agora apenas aqueles estudantes que receberam atividades para realizarem de forma não presencial durante a pandemia (82% do total):

- a proporção de estudantes **EM RISCO** dentre os que **não tem recebido apoio do professor para tirar dúvidas é de 44%**, significativamente superior aos **30% observados dentre os que declaram ter recebido esse tipo de apoio**;

- A proporção de estudantes **EM RISCO** é de **48%** dentre aqueles cujos **professores não corrigem as atividades**, superior aos **31% dentre os alunos daqueles professores que o fazem**;
- Aumenta a proporção de estudantes **EM RISCO** dentre os que **não mantêm contato com os colegas (39%)** quando comparados àqueles que **mantêm esse contato (32%)**.

Mais uma vez, a voz dos estudantes do ensino médio registrada no estudo Conjuve & Parceiros corroborou as percepções de famílias e educadores e evidenciou a multiplicidade de fatores envolvidos na continuidade do engajamento com os estudos. Vale notar que, apesar das múltiplas desigualdades regionais verificadas a partir das diferentes fontes consolidadas neste informe, a proporção de estudantes do ensino médio que considera a possibilidade de não retornar às aulas é **relativamente similar nas cinco regiões do país**.



CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO

Proporção de jovens que considerou a possibilidade de não voltar às aulas ao final do isolamento social

	CENTRO-OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
pensou em não voltar às aulas	31%	28%	28%	23%	27%

Para além da continuidade dos estudos no âmbito da educação básica, é também importante compreender o impacto da suspensão das aulas presenciais no ingresso dos jovens no Ensino superior.

Nessa etapa escolar, o ENEM é a meta perseguida por quem pretende ingressar no Ensino superior.

Com efeito, os dados da pesquisa Conjuve & Parceiros mostram que 8 em cada 10 estudantes do Ensino médio (do 1º ao 3º ano) que responderam à pesquisa pretendiam fazer o ENEM:



CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO

Intenção de prestar o ENEM

	TOTAL	ENSINO MÉDIO PÚBLICO	ENSINO MÉDIO PRIVADO
Pretendem fazer	56%	54%	63%
Talvez façam (ainda indecisos)	24%	26%	18%
Não pretendem fazer	20%	20%	19%

Mas, novamente, as condições se mostram desiguais durante o período do isolamento social e suspensão das aulas presenciais. Dentre os que declararam que “pretendem fazer” ou “talvez façam” o ENEM:

- **60%** dos que estudam na **rede privada** afirmaram que não estavam conseguindo estudar para a prova;
- Esta proporção chegou a **72%** junto aos jovens que declararam frequentar escolas da **rede pública**.

Quando analisados os dados com foco na questão racial, percebe-se que **não houve diferenças significativas** entre estudantes brancos, pardos ou pretos quanto à intenção de prestar o ENEM, confirmando a relevância do exame como símbolo da possibilidade de ingressar no Ensino superior para a imensa maioria das juventudes brasileiras:

CONJUVE & PARCEIROS – RELATÓRIO ESPECIAL: ENSINO MÉDIO

Intenção de prestar o ENEM segundo autodeclaração de cor

	BRANCA	PARDA	PRETA
Pretendem fazer	57%	59%	57%
Talvez façam (ainda indecisos)	22%	22%	24%
Não pretendem fazer	21%	19%	19%

No entanto, quando convidados a comentar sobre as condições de estudo para o exame, a desigualdade voltou a configurar-se:

- Enquanto 64% dos estudantes que se declararam brancos afirmaram não estar conseguindo estudar adequadamente para o ENEM desde que as aulas foram suspensas, essa proporção elevou-se a 71% e 74% entre os que se identificam como pardos e pretos, respectivamente.

A perspectiva desses jovens indica que as consequências das questões aqui apontadas não se esgotam no curto prazo. Ao contrário, podem ter consequências perenes para os estudantes e para toda a sociedade.

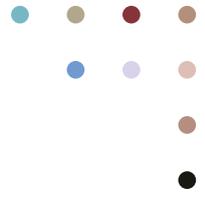
Antes da pandemia, estudo da FRM & Insper intitulado “Consequências da Violação do Direito à Educação” sinalizava que 1 a cada 5 jovens não iria concluir o EM. Com a Covid-19 e a interrupção das aulas presenciais, vimos na pesquisa do Conjuve & Parceiros a possibilidade da evasão escolar aumentar, sobretudo para os jovens de escolas públicas. Trata-se de um risco para os jovens e para o país. Os jovens que não terminam o Ensino médio perdem em torno de 4 anos de vida, passam mais tempo desempregados e na informalidade, perdendo em torno de R\$159.000,00 ao longo da vida profissional. A não conclusão traz consequências severas para a taxa de homicídios, que segundo a OMS encontra-se em patamares epidêmicos, exterminado boa parte das juventudes, em especial as mais vulneráveis, os meninos, negros com menor escolaridade e menor nível socioeconômico (ver em pjet.frm.org.br). A consequência da não conclusão do Ensino médio afeta, também, o desenvolvimento econômico do país, que perde anualmente 214 bi/ano para atenuar as consequências da evasão escolar. É uma tragédia, e temos o dever de evitar!

Consequências da Violação do Direito à Educação:

<https://frm.org.br/pesquisa-e-avaliacao/>







LEGADOS

São muitas as evidências dos desafios e limites de um prolongado e não planejado processo de ensino não presencial, com impactos negativos sobre vínculos, motivações e aprendizados de conteúdos escolares para estudantes nos mais diferentes contextos.

É importante, no entanto, aprofundar a reflexão sobre outros tantos aprendizados desenvolvidos neste período:

- Redes de ensino concretizaram oportunidades de colaboração entre si e com outras instâncias da gestão pública e da sociedade civil, imprimindo um grau de flexibilidade e agilidade em seus processos de gestão;
- Projetos e práticas pedagógicas puderam ser reavaliados, criando as bases para novas propostas mais consistentes com os contextos e desafios de cada comunidade escolar;
- Gestores escolares e professores passaram a identificar com maior clareza a importância de construir e fortalecer vínculos com estudantes e seus familiares;
- Mães, pais e responsáveis puderam aproximar-se e compreender melhor o trabalho realizado pelas escolas e as possibilidades de apoiar seus filhos nos estudos;
- Valorizou-se o papel dos professores e de sua qualificação, criando-se inúmeras novas oportunidades para a formação continuada e uma reflexão ampliada sobre a formação inicial;
- Docentes e estudantes puderam ampliar suas habilidades no uso da tecnologia e outras estratégias, desenvolver autonomia na busca pelo conhecimento e assumir maior protagonismo experimentando novas formas de ensinar e de aprender.

Esses e muitos outros legados poderão contribuir para a recuperação das defasagens de aprendizado e potencializar avanços no futuro.

Há indícios claros de que os educadores reconhecem potencialidades no papel da tecnologia na aprendizagem:

- o grau de importância atribuído pelos educadores ao uso da tecnologia no processo de aprendizagem aumentou de maneira significativa, passando de 57% para 94% a proporção daqueles que a consideram “muito importante” ou “completamente importante”, com pouca variação entre as etapas de ensino.

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Proporção de educadores que consideraram o uso da tecnologia no processo de aprendizagem como “muito” ou “completamente importante”

	ANTES DA PANDEMIA	DEPOIS DA PANDEMIA
Educação infantil	55%	95%
Ensino fundamental – anos iniciais	56%	95%
Ensino fundamental – anos finais	64%	94%
Ensino médio	62%	92%

Foram vários os pontos positivos percebidos pelos educadores em relação ao papel da tecnologia:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Percepção de professores sobre o papel da tecnologia na aprendizagem, após essa experiência de ensino remoto

Apoiar o uso de diferentes metodologias de aprendizagem	63%
Auxiliar a adequar aulas e materiais didáticos para formatos não presenciais	58%
Impulsionar o papel do professor como facilitador do processo de aprendizagem	53%
Facilitar o acompanhamento das famílias no processo de aprendizagem	40%
Auxiliar a adequar aulas e materiais didáticos para formatos acessíveis a todos os estudantes, com ou sem deficiência	39%
Incentivar o engajamento de estudantes com os conteúdos	36%
Potencializar a criação de vínculo com os/as alunos/as	27%

“

Uns concordam que a internet é mais fácil, mais eficaz de estudar do que a sala de aula, (...) com os alunos enfileirados na frente da professora, do quadro branco. E na rede social você pesquisa o que quiser; fala com o professor que quiser... Já outra parte discorda, dizendo que nenhuma ferramenta tecnológica substitui o professor...

JOVEM ESTUDANTE – ESTUDO CONJUVE & PARCEIROS

Quando, no levantamento realizado pelo Instituto Península – Pulso 3, foram convidados a opinar sobre quais legados a pandemia deixaria para a profissão docente no Brasil, os educadores apontam múltiplas contribuições, aqui organizadas em 4 dimensões:

INSTITUTO PENÍNSULA – PULSO 3

Possíveis legados da pandemia para a profissão docente

PAPEL DOS ATORES DA COMUNIDADE ESCOLAR	
A valorização da carreira docente pela sociedade	72%
Importância da manutenção e criação de vínculos com os alunos	47%
Importância da manutenção e criação de vínculos com as famílias	44%
Aproximação entre as escolas e redes de ensino	28%

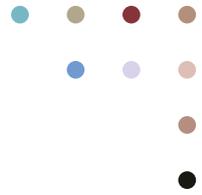
PAPEL DA TECNOLOGIA	
A importância da tecnologia para uso pedagógico	72%
Importância da tecnologia na formação inicial de professores	55%
Surgimento de formas mais dinâmicas de estudar e aprender	54%
ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO DE APRENDIZAGEM	
Importância de estratégias de reforço/recuperação para alunos com dificuldade de aprendizagem	41%
Importância da avaliação dos alunos para fins diagnósticos	27%
PRIORIZAÇÃO DA REDUÇÃO DA EXCLUSÃO DE GRUPOS ESPECÍFICOS	
Importância do atendimento educacional especializado para o planejamento de estratégias pedagógicas acessíveis a todos(as) os(as) alunos(as)	46%
Importância de estratégias pedagógicas com recursos de acessibilidade	42%

Apenas 1% dos educadores afirmou que as experiências vividas nesse período não deixariam nenhum legado para o campo da educação.

Embora as percepções sejam em geral homogêneas entre etapas e redes de ensino, algumas diferenças merecem destaque:

- A relevância do fortalecimento de vínculos com os alunos, a possibilidade de adoção de formas mais dinâmicas de aprender e estudar e a importância de avaliações diagnósticas foram apontados pelos educadores da rede privada em proporções ligeiramente superiores aos das **redes públicas**;
- Para os docentes das **redes municipais**, a importância de manutenção e criação de vínculos com as famílias apareceu em proporção ligeiramente superior às demais redes;
- Já os professores das **redes estaduais** mostraram-se, de maneira geral, um pouco menos dispostos a identificar legados positivos, ficando acima da média apenas no caso da importância das avaliações.





A condição de isolamento social e suspensão das aulas presenciais representou uma oportunidade de acesso a conteúdos formativos para os docentes nos mais variados temas e formatos: webinários, cursos on-line, rodas de conversa, sugestões e acesso livre a conteúdos formativos e objetos digitais de aprendizagem, capacitações para o uso de tecnologia, orientações curriculares, planos de aula, dentre outras modalidades.

Essas iniciativas formativas, propostas diretamente pelas redes de ensino e/ou por organizações privadas, procuraram contribuir para a qualificação da oferta dos conteúdos e atividades a serem propostas durante e após o período de suspensão das aulas.

Os dados coletados junto a educadores por diferentes estudos e em diferentes momentos mostraram que sua participação nessas iniciativas formativas foi relevante, ainda que a proporção de docentes atingidos não tenha se dado na mesma proporção em função das redes e etapas nas quais atuam:

-
- O estudo do Iede e CTE-IRB mostrou que 39% das redes de ensino participantes da pesquisa afirmavam estar ocorrendo formações para os profissionais desenvolverem atividades a distância com os estudantes: 44% na região Centro-Oeste, 42% na região Sudeste-Sul, 41% na região Nordeste e 31% na Norte. No caso das redes estaduais, dentre as 17 analisadas, 14 responderam que estavam oferecendo formação aos educadores;



-
- No estudo da FCC : 77% afirmaram ter aumentado o tempo dedicado a assistir e participar de cursos a distância. Essa proporção é mais alta junto a docentes do Ensino médio (80%) seguida pelos que atuam no Ensino fundamental (77%) e, por fim, pelas professoras da Educação infantil (73%);



- O estudo Instituto Península - Pulso 2, na mesma linha, havia apontado que a dedicação de tempo ao desenvolvimento profissional deu-se em proporções distintas entre as redes de ensino: 68% dos professores da rede privada, 58% dos da rede estadual e 52% dos da rede municipal afirmaram ter dedicado mais tempo para estudar.

Dedicar tempo ao desenvolvimento profissional ajudou, segundo docentes entrevistados no **Pulso 3** da pesquisa do Instituto Península, até mesmo como forma de conviver com os efeitos do isolamento social: quando perguntados “Quais são os apoios e recursos que mais têm ajudado (do ponto de vista físico e mental) a atravessar esse período de crise e da pandemia?” 50% incluíram “estudar para meu desenvolvimento profissional e/ou pessoal” entre suas respostas, colocando essa como a terceira opção mais frequentemente escolhida, atrás apenas de “ficar com a família” e “assistir filmes, séries etc.”.

Nesse mesmo levantamento, observou-se uma importante redução – de 70% para 49% – na proporção dos docentes que reputavam a falta de informação para lidar com os desafios do ensino remoto como uma de suas principais preocupações. Vale notar, no entanto, que a preocupação permaneceu para cerca de metade dos professores, em proporções semelhantes em todo o território nacional e em todas as etapas de ensino.

A oportunidade gerada pela intensificação do uso de múltiplas formas de acesso remoto a conteúdos formativos será um dos legados positivos desse período tão complexo e desafiador.

Algumas das organizações cujos estudos integram esse informe disponibilizam um amplo conjunto de conteúdos que podem ser acessados em diversas plataformas:

Tamo Junto Sempre:

plataforma que reúne cursos, aplicativos, material audiovisual e outros conteúdos produzidos por diversas organizações:

<https://tmjsempre.org.br/> 

Portfolio Educacional do Futura:

acesso gratuito a conteúdos educativos para auxiliar na aprendizagem de crianças, jovens e adultos de todo país:

<https://canalfutura.myportfolio.com/portfolioeducacional> 

Polo – o ambiente de formação do Itaú Social:

plataforma que reúne formações para profissionais de educação e atores da sociedade civil, abrangendo cinco grandes linhas temáticas: Gestão Operacional, Monitoramento e Avaliação, Gestão Pedagógica, Multiletramento e Educação na Pandemia:

<https://polo.org.br/> 

Vivescer:

plataforma criada para professores, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento dos educadores, não só como profissionais, mas também como indivíduos. Possui formações e estratégias voltadas para o desenvolvimento integral do professor:

vivescer.org.br/ 



CONCLUSÕES

Ao aproximar-se o final do que todo o Brasil conhece como “o ano letivo”, coincidindo com o final do ano calendário, as festas natalinas e a chegada das férias de verão, gestores, educadores, estudantes e suas famílias ainda têm muitas dúvidas em relação ao que pode e deve ser feito para a retomada das aulas presenciais e para a recuperação dos conteúdos de aprendizagem previstos para 2020.

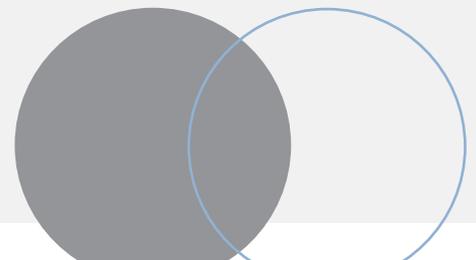
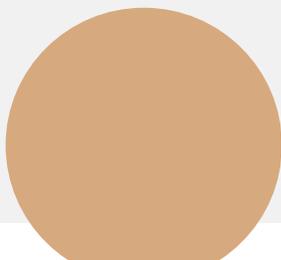
- Redes de ensino procuram planejar medidas para um retorno em segurança para estudantes e educadores, alinhados a parâmetros e normativas definidas pelas autoridades sanitárias e a regras mais gerais de isolamento social estipuladas pelas gestões estaduais e municipais;
- Ainda é grande a incerteza que perpassa os diversos atores... Na mais recente edição do estudo do Instituto Península realizada na primeira quinzena de agosto, 7 entre 10 professores declararam que não havia previsão de retorno das escolas. Mais uma vez, a rede privada indicava maior grau de definição quanto à data e aos formatos para o retorno, como de fato se viu acontecer nos meses subsequentes;
- Muito se tem debatido sobre que medidas serão adotadas para mitigar os reflexos negativos da suspensão das aulas presenciais para o aprendizado e para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, com desafios específicos para cada etapa de ensino, nos mais diferentes contextos territoriais e socioeconômicos;
- Ainda não há elementos concretos que apontem para o enfrentamento dos principais gargalos de infraestrutura, formação docente e arcabouço normativo que acabam por manter as iniquidades estruturantes da educação brasileira;
- A opinião pública, manifestando-se por meio de inúmeras pesquisas divulgadas nos últimos meses, parece optar por considerar 2020 “um ano perdido” e aceitar a postergação de qualquer retomada para o próximo ano, sem uma clara compreensão de possíveis consequências.

De uma coisa, no entanto, tem-se absoluta certeza: as desigualdades de aprendizado terão sido ampliadas! E, junto com elas, o impacto negativo sobre motivações para a valorização e continuidade dos estudos. É, portanto, imprescindível priorizar esforços na promoção de maior equidade no processo de retorno às aulas e articular os mais diversos atores na formulação de estratégias e políticas que incorporem definitivamente as premissas da equidade no sistema educacional brasileiro.

O quadro desenhado pelo conjunto de pesquisas consolidadas neste documento evidencia os desafios das experiências de ensino e aprendizagem durante o período de interrupção das aulas presenciais. A falta de planejamento prévio, capacitação adequada e demais condições impostas pelo caráter emergencial de sua implementação e de mecanismos de acesso para os estudantes deixaram marcas que continuarão a desafiar a educação brasileira mesmo após a retomada de aulas presenciais.

Entre tantos, nenhum desafio será maior do que aquele causado pelas imensas desigualdades que marcam a sociedade brasileira e se refletem no contexto educacional.

Fatores estruturais – como nível socioeconômico, cor/raça e gênero – estão na base das desigualdades sociais no Brasil e relacionados a trajetórias escolares, que historicamente indicam, para esses grupos sociais – em particular para meninos e negros – maiores desafios no que se refere às taxas de repetência e abandono no 3º e 6º anos do Ensino fundamental e no 1º ano do Ensino médio. As estratégias de retomada das aulas presenciais deverão considerar tais fatores e demandarão esforços intersetoriais, dado que os fatores associados às desigualdades extrapolam os muros das escolas.

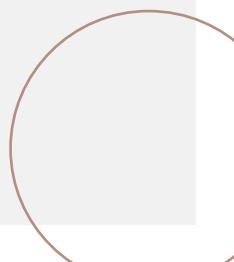
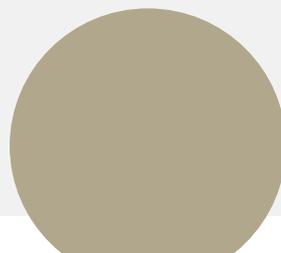
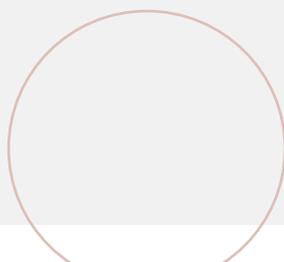
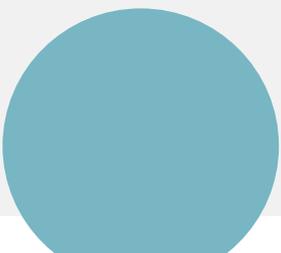


Nada melhor do que a fala de uma jovem estudante do Ensino médio, participante das etapas de construção e da análise da pesquisa realizada por Conjuve & Parceiros para resumir, com grande espontaneidade e autenticidade, as conclusões desse "diálogo" entre os principais atores da educação brasileira:

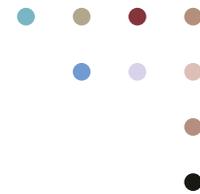
"E essa desigualdade? Quem tem internet, sua casa confortável, não tem esse trauma que está na cabeça, esse medo de alguém pegar esse vírus... tá num aconchego tudo.... tá mais, como posso dizer, tá mais acobertado, tá mais relaxado, do que nós que estamos lutando para entrar na faculdade, que uma tia, uma mãe ou um irmão morreu e os familiares estão em cima botando pressão..."



A indignação dessa jovem estudante, protagonista do futuro de nosso país, nos convoca, em nossos diferentes papéis, a aprofundar a reflexão sobre como as desigualdades nas vivências educativas ocorridas nesse período poderão impactar as oportunidades de desenvolvimento de cada criança, adolescente e jovem no Brasil. E a articular e implementar ações concretas e urgentes para minimizá-las no curto prazo e para criar as condições para eliminá-las no futuro.







ANEXO 1

DETALHAMENTO DOS ESTUDOS INCLUÍDOS NESTE RELATÓRIO

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Parceria com a UNESCO do Brasil e Itaú Social



Fundação
Carlos Chagas

EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA NA VISÃO DE PROFESSORAS/ES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Objetivos:

- 1) verificar como **as professoras e os professores das redes públicas (85%) e privadas (15%)** estavam desenvolvendo suas atividades nas primeiras semanas de isolamento social;
- 2) quais suas expectativas para o período pós-pandemia.

Período de coleta:

30 de abril a 10 de maio de 2020: escolas se preparando ou aprimorando a rotina escolar não presencial.

Amostra por conveniência com **14.285 docentes** de todas as 27 Unidades da Federação.

Participam docentes de **escolas privadas e públicas**, de todas as etapas da educação básica: **Educação infantil, Ensino fundamental (anos iniciais e finais) e Ensino médio**, em suas diversas modalidades.

Professores que atuam em mais de uma rede respondem por aquela à qual dedicam a maior parte do tempo.

Os resultados desse estudo serão apresentados em boletins periódicos. Para esta consolidação, foram utilizados dados do **INFORME N° 1 e N° 2.**



<https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>



<https://www.fcc.org.br/fcc/fcc-noticia/similaridades-e-diferencas-observadas-nas-redes-de-ensino-e-na-interseccionalidade-sexo-e-cor-raca>

Outras etapas estão em andamento, como a pesquisa **Inclusão Escolar em tempos de pandemia**, direcionada às professoras e aos professores que atuam com estudantes público-alvo da educação especial (alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/ superdotação), em classe comum ou no atendimento especializado. A iniciativa é coordenada pela UFABC (Universidade Federal do ABC) em parceria com a FCC (Fundação Carlos Chagas), FE-USP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) e a UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) e tem por objetivo identificar, na visão das professoras e dos professores, quais são os desafios enfrentados para garantir o acesso e a participação desse alunado nas aulas remotas, assim como as estratégias propostas com vistas à efetivação do direito à educação na perspectiva inclusiva. A coleta de dados via questionário on-line foi concluída em 27 de julho.

A FCC continuará desenvolvendo projetos para identificar e compreender a percepção dos professores e estudantes acerca da educação escolar no atual contexto, considerando as especificidades de cada etapa/modalidade de ensino oferecidas em escolas públicas e privadas no Brasil. O conhecimento gerado pretende contribuir para a formulação de respostas educacionais coerentes e equitativas que minimizem os efeitos da pandemia nas oportunidades educacionais de crianças e jovens brasileiros da educação básica.

INSTITUTO PENÍNSULA:

SENTIMENTO E PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES BRASILEIROS NOS DIFERENTES ESTÁGIOS DO CORONAVÍRUS NO BRASIL

Desde a metade de março de 2020, mais de 48 milhões de alunos na rede básica brasileira estão com suas rotinas alteradas devido às medidas de combate ao novo coronavírus. É uma adaptação inesperada que, acreditamos e esperamos, será transitória.

O Instituto Península se dispôs a perguntar: **Neste momento tão atípico e incerto, como estão os nossos mais de 2,2 milhões de professores?**

Sabemos que os educadores estão sendo muito solicitados, seja pela direção da escola, pelos pais seja pelos estudantes, e estão recebendo materiais de todos os tipos e por todos os lados. **Mas como eles estão se cuidando, se organizando e como enxergam a sua responsabilidade neste momento?** Neste cenário de rápida transformação e alta incerteza, o Instituto Península definiu um cronograma de quatro pesquisas que procuram contribuir para uma melhor compreensão de como os professores brasileiros estão se sentindo, seus medos, anseios e demandas de apoio, com objetivo de captar o sentimento e a percepção dos educadores brasileiros em cada um dos estágios da pandemia do novo coronavírus.

Período de coleta

Pulso 1: 23 a 27 de março de 2020: início do período de suspensão de aulas presenciais

Pulso 2: 13 de abril a 14 de maio de 2020

Pulso 3: 20 de julho a 14 de agosto de 2020

Amostra: por conveniência com **1.536 docentes** entrevistados no **Pulso 1, 7.773** na segunda medida e **3.893 respondentes** na terceira coleta de dados, de todas as 27 Unidades da Federação. Participam docentes de **escolas privadas e públicas**, de todas as etapas da educação básica: **Educação infantil, Ensino fundamental (anos iniciais e finais) e Ensino médio**, em suas diversas modalidades.

Os dados foram ponderados segundo os seguintes critérios:

Pulso 1: por dependência administrativa do docente, sexo, faixa-etária, idade e Unidades da Federação

Pulso 2: por região, dependência administrativa e etapa de ensino

Pulso 3: por gênero, dependência administrativa, faixa etária e região

Questionário: aplicado on-line, com 24 perguntas. No processamento foram consideradas apenas as respostas completas (88%).



<https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil/>

O estudo incluiu ainda uma etapa exploratória qualitativa, disponível em:



<https://institutopeninsula.org.br/apos-seis-semanas-de-isolamento-professores-brasileiros-nao-receberam-suporte-suficiente-para-ensinar-a-distancia-nem-suporte-emocional-das-escolas/>



<https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Sentimentos-fase-3.pdf>

Instituto Península

No momento em que este documento foi finalizado, estava em campo uma nova coleta de dados, o **Pulso 3** do estudo, **iniciada em 20 de julho e com finalização prevista para 7 de agosto.**

Objetivo central: colher a percepção dos professores em relação ao retorno às aulas presenciais e ao período de ensino remoto.

FUNDAÇÃO LEMANN, ITAÚ SOCIAL E IMAGINABLE FUTURES.....

EDUCAÇÃO NÃO PRESENCIAL NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES E SUAS FAMÍLIAS

Onda 1: de 18 a 29 de maio de 2020

Onda 2: de 11 a 20 de junho de 2020

Onda 3: de 7 a 15 de julho de 2020

Objetivos:

- 1) Identificar se os estudantes dos ciclos Fundamental e Médio estão recebendo, acessando e realizando as atividades de aprendizado remoto durante a pandemia no Brasil.
- 2) Mapear as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em relação ao acesso, rotinas e motivação.
- 3) Identificar percepções dos responsáveis sobre a qualidade do apoio das escolas, evolução nos estudos, possibilidades de abandono, assim como os desafios no apoio à rotina de aprendizagem em casa.

Metodologia: Pesquisa quantitativa, com abordagem telefônica a partir de sorteio aleatório de números de telefones celulares, pré e pós pagos, distribuídos de acordo com o código DDD. O desenho amostral foi feito com base nas matrículas do Censo de Educação 2019, para a distribuição regional das entrevistas. Foi realizada busca de responsáveis por estudantes matriculados em escolas públicas municipais e estaduais, de Ensino fundamental e médio, com idades **entre 6 e 18 anos**.

Amostra 1.118 pais, responsáveis / 1.518 estudantes.

Onda 1: 1.028 responsáveis / 1.518 estudantes entre 6 e 18 anos

Onda 2: 1.118 responsáveis / 1.580 estudantes entre 6 e 18 anos

Onda 3: 1.056 responsáveis / 1.556 estudantes entre 6 e 18 anos



FUNDAÇÃO
Lemann



imaginable
FUTURES



Itaú Social

Questionário: As entrevistas foram realizadas mediante aplicação de questionário estruturado com cerca de 16 minutos de aplicação.

As entrevistas foram realizadas em amostra obtida por geração aleatória de números telefônicos e foram utilizadas cotas a partir do perfil de um universo de referência tendo como base as matrículas do Censo de Educação de 2019.



<https://fundacaolemman.org.br/materiais/educacao-nao-presencial-na-perspectiva-dos-alunos-e-familias>



<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Datafolha-Educa%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-presencial.pdf>



<https://www.itausocial.org.br/noticias/nova-pesquisa-datafolha-aponta-aumento-da-oferta-de-atividades-nao-presenciais-mas-preocupacao-com-evasao-persiste/>

Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures

No momento em que este documento foi finalizado, estava em campo a Onda 4 do estudo que, além de acompanhar a evolução de alguns indicadores:

- avalia a percepção dos familiares sobre seu envolvimento com a educação escolar dos estudantes sob sua responsabilidade e a visão sobre a importância do trabalho dos educadores;
- explora quais ações seriam mais úteis para que os familiares possam apoiar mais os estudantes nas atividades não presenciais;
- investiga percepções dos familiares sobre a reabertura das escolas.

CONJUVE & PARCEIROS.....



CONJUVE
CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE

JUVENTUDES E A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Conjuve & Parceiros (Em movimento, Fundação Roberto Marinho, Mapa Educação, Porvir, Rede Conhecimento Social, Visão Mundial, Unesco)

Objetivo: apoiar a construção de políticas baseadas em evidências e sustentadas por um amplo processo de diálogo e articulação social, diante dos efeitos da pandemia para a população jovem no Brasil, que corresponde 47,2 milhões (23% do total).

Metodologia: O estudo não é apenas sobre jovens, mas construído com eles: 18 jovens participaram ao longo de todo o estudo, incluindo a definição das perguntas orientadoras:

- Quais os efeitos da pandemia do novo coronavírus para os jovens brasileiros?
- Como a pandemia afetou seus hábitos, sua relação com a educação, trabalho, sua situação econômica e sua condição de saúde?
- De que forma a crise provocada pela Covid-19 influencia suas perspectivas para o futuro?

Amostra: por conveniência (não probabilística) atingindo 33.688 jovens de 15 a 29, de todos os estados do país, com monitoramento diário, tendo como referência a distribuição populacional de jovens para região, faixa etária, gênero e cor/raça, de acordo com a Pnad Contínua 2019 (IBGE).

A participação na pesquisa se deu por adesão a convite enviado pelas organizações parceiras desta iniciativa, pelo grupo de jovens, por outras instituições que atuam com juventudes e entre pares, a única

metodologia possível diante da urgência do tema e das limitações impostas pelo contexto de distanciamento social.

A diversidade de conexões constituídas no processo amplia a diversificação de perfis e aproxima a coleta de segmentos específicos, com ampla cobertura territorial e temática.

Os mais de 33.000 jovens que se engajaram para responder ao questionário têm, como apontado por seus coordenadores, em maior proporção do que o universo total de jovens brasileiros, uma conexão direta ou indireta com instituições que atuam no campo de juventudes, acessam equipamentos ou dispõem de modos de conexão para estar on-line, além de terem suficiente domínio de leitura para interagir com o questionário, terem tempo disponível e estímulo para contribuir com a pesquisa.

Os dados foram ponderados considerando a distribuição dos jovens brasileiros em termos de Unidades da Federação e faixas etárias. Utilizou-se como referência a Pnad Contínua 2019 (IBGE).

Para esse informe, foram consideradas as respostas de um recorte da amostra, correspondente a 9.693 jovens matriculados no Ensino médio.

Questionário: aplicado on-line, com 48 perguntas distribuídas em sete blocos temáticos: Informação, Hábitos, Educação e aprendizado, Economia, emprego e renda, Saúde e bem-estar, Contexto e expectativas e Perfil socioeconômico. O processamento tomou por base o total de respondentes de cada questão, acolhendo assim as opiniões de jovens que, por múltiplos motivos, não puderam completar o questionário. Completaram o questionário 24.161 jovens.

Conjuve & Parceiros

No momento em que este documento foi finalizado, estavam sendo preparados relatórios especiais:

- avaliação das especificidades para as cinco regiões do país;
- aprofundamento das análises sobre jovens que no momento da pesquisa estavam matriculados no Ensino médio;
- comparativo entre jovens atendidos e não atendidos pela política pública amparada na Lei de Aprendizagem.

Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) e Comitê Técnico da Educação do Instituto Rui Barbosa (CTE-IRB).....



A EDUCAÇÃO NÃO PODE ESPERAR

Objetivo: auxiliar as redes e os profissionais de Educação neste momento de incertezas, proporcionando-lhes maior segurança em suas decisões por meio de mapeamento das ações das redes públicas de ensino do País durante a pandemia e o planejamento que estão fazendo para o retorno às aulas presenciais.

Metodologia: com a participação de 22 Tribunais de Contas Estaduais, além de três Tribunais de Contas com jurisdição exclusiva nas esferas locais e um Tribunal de Contas de Município, foram construídos e aplicados dois questionários on-line, complementados por entrevistas por telefone ou videoconferência com os(as) secretário(as) de Educação de tais municípios e estados, ou técnicos da secretaria por eles designados. A partir desses materiais, técnicos dos Tribunais de Contas preencheram fichas de observação, que foram analisadas pelo Iede e pelo Comitê Técnico da Educação do IRB para a produção dos dados.

Amostra: a amostra que compõe este estudo é formada por 249 redes de ensino, de todas as regiões do País, sendo 232 municipais e 17 estaduais.

Período de campo: coleta de dados realizada entre maio e junho de 2020.

As áreas de abordagem do estudo compreendem ações adotadas em diversas esferas: distribuição dos alimentos destinados à merenda escolar; estratégias e ferramentas de ensino remoto adotadas neste momento; e preparação para a volta às aulas presenciais.

